



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Departamento de Sociologia

Licenciatura em Sociologia

**Dinâmica das Representações Sociais da Figura de *Mukuaxi* no contexto da não
Prática do Lobolo: O Caso do Distrito de Marracuene, Província de Maputo**

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para
obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia, pela Universidade Eduardo
Mondlane

Candidata: Linete Feliciano Fisse

Supervisor: Dr. Baltazar Muianga

Maputo, Agosto de 2021

**Dinâmica das Representações Sociais da Figura de *Mukuaxi* no contexto da não
Prática do Lobolo: O Caso do Distrito de Marracuene, Província de Maputo**

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para
obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia, pela Universidade Eduardo
Mondlane

Linete Feliciano Fisse

Supervisor

Presidente

Oponente

Declaração de Originalidade

Declaro que este relatório de pesquisa é original. Que o mesmo é fruto da minha investigação, estando indicadas ao longo do trabalho e nas referências as fontes de informação por mim utilizadas para a sua elaboração. Declaro ainda que o presente trabalho nunca foi apresentado anteriormente, na íntegra ou parcialmente para a obtenção de qualquer grau académico.

(Linete Feliciano Fisse)

Maputo, Julho de 2021

Dedicatória

Dedico este trabalho, especialmente a minha mamã, Laura Cumbe, pelo apoio incondicional, a minha segunda “mãe” Graça Cumbe Mogole pela contribuição ideal de vida para me tornar a mulher que hoje sou.

Agradecimentos

Eterna gratidão meu Deus por iluminar cada passo da minha vida!

Especiais agradecimentos vão ao corpo docente do departamento de sociologia por me ter acolhido desde o primeiro ano, especialmente ao meu supervisor Baltazar Muianga pelas sugestões, esclarecimento e orientação que me deu durante a elaboração do presente trabalho de pesquisa. Muito obrigada.

Endereço ainda o meu profundo agradecimento a todo corpo docente do departamento de sociologia, por me terem transmitido conhecimentos de cariz sociológico, e aberto a minha visão para perceber que qualquer fenómeno que ocorre ou deveria ocorrer na sociedade é passível de uma interpretação social e sociológica.

Os meus agradecimentos vão ainda a todos os participantes que me ofereceram a informação que permitiu a efectivação deste trabalho, muito obrigada pela disponibilidade e pela prontidão que mostraram durante as nossas conversas.

Agradeço a toda minha família pelo apoio incondicional, kxanimambo dona Laura Cumbe (mãe) por me educar incansavelmente, Graça Mogole (segunda mãe), ao meu cunhado Agostinho Mogole, aos meus queridos irmãos Manuel Fisse, Hélio Fisse (em sua memória), Nassero Nhampossa, muito obrigada pelo carinho e atenção.

Aos meus colegas e companheiros, Eugénio Silveira (Duderas), Francisco Muianga Júnior (Truta), Silva Magombe, Rosa Banze, Vânia José, Ivone Faduco, Laura Djedje, Anabela Cossa, Nira Zeula, Afonso Mucavel, Mohamed Faquir, o vosso companheirismo e cumplicidade foi fundamental durante os anos que estivemos juntos, muito obrigada.

Por último agradeço a todos meus amigos, Sidney Daudó meu amigo e companheiro fiel, Eugénio meu Duderas, Verónica (prima), Chichuca, Finoca, Ana (prima), Vicente Mulate, Jacinto Massingue, pelo apoio, carinho e confiança que tem depositado em mim, em especial ao meu ombro amigo Morais, muito obrigada por me mostrar que é possível sonhar e realizar, tudo depende de nós.

Epigrafe

A wansati, ixindjerendjere a loku unga txovi xowa
A wanuna, hi nguana a loku uyi hlupa yo khondla yifamba
A wanuna, hi nguana a loku uyi hlupa yo khondla yifamba
Tivoneleni, tivoneleni nwina (epah)
Tivoneleni, tivoneleni nwina (epah)

Hele hele helexiphansi
A leswi ninga kombiwa hi Mukuaxi
Nanga hlivila xkitawa
Nita handla aku swikuma

Ghorwane: Mussakase;2015

Resumo

O presente trabalho analisa a questão da dinâmica das representações sociais da figura de Mukuaxi no contexto da não prática do lobolo. Da literatura analisada identificamos duas abordagens, nomeadamente: a abordagem “generalizada” e outra de carácter “sociológico”. A primeira abordagem enfatiza a questão do lobolo como “prática tradicional” reconhecida no sul de Moçambique e a segunda abordagem é sociológica e defende a questão do significado social do lobolo enquanto uma prática cultural e socialmente estabelecida. Diante das limitações, fizemos um estudo etnográfico no distrito de Marracuene e com base no material etnográfico colhido para a efetivação deste estudo, compreendemos a atribuição da figura de Mukuaxi no contexto da não prática de lobolo. Como pressuposto metodológico auxiliamo-nos na abordagem qualitativa e tivemos como técnicas de recolha de dados as entrevistas semi-estruturadas. Quanto a abordagem teórica, alicerçamo-nos na teoria das representações sociais de Serges Moscovici (1961), este pressuposto teórico analisa que, as práticas culturais são socialmente construídas. Esta teoria tornou-se pertinente para compreender as dinâmicas das representações sociais sobre a não prática de lobolo e a atribuição da figura de Mukuaxi. Os resultados mostram que há um pré-conhecimento da importância desta prática sociocultural, assumindo a categorização da figura de Mukuaxi, visto que, produz-se dentro do nosso próprio contexto sociocultural. Porém, alguns participantes acreditam na ideia de que a não prática de lobolo não está alheia a falta de condições financeiras e nem do pré-conhecimento do mesmo como parte do nosso universo cultural. Alguns apontam sobretudo na falta de preparação por parte dos homens associados ao poder de decisão, facto que, a não prática do lobolo pode sujeitar a atribuição de categorias socialmente construídas com enfoque ao Mukuaxi. Quanto a percepção das mulheres, constatamos que elas sentem-se rejeitadas e excluídas no contexto da não prática do lobolo. Com a problemática levantada, pudemos construir o argumento que dá conta que a atribuição da figura de Mukuaxi é condicionada pela não prática de lobolo por parte dos homens, por não reunirem recursos financeiros, por factores religiosos associados ao imaginário cristão em que não se proíbe a prática do lobolo, mas sim, alguns rituais submersos nela, como por exemplo a invocação dos espíritos dos antepassados por intermédio do ritual “Ku-phalha”. Contudo, nos dias actuais, invoca-se Deus, facto que conduz esta prática de lobolo a modernização e requalificação.

Palavras-Chave: *Lobolo, Representações Sociais e Mukuaxi*

Abstract

The present work analyzes the issue of the dynamics of representations of the Mukuaxi figure in the context of the non-practice of lobolo. From the literature analyzed, we identified two approaches, namely: the “generalized” approach and the other of a “sociological” nature. The first approach emphasizes the issue of lobolo as a “traditional practice” recognized in southern Mozambique and the second approach is sociological and defends the issue of the social meaning of lobolo as a culturally and socially established practice. In the limitations, we carried out an ethnographic study in the district of Marracuene and based on the ethnographic material collected for this study, we understood the attribution of the figure of Mukuaxi in the context of not practicing lobolo. As a methodological supposition, we used a qualitative approach and used semi-structured interviews as a data collection technique. As for the theoretical approach, we are based on the theory of social representations by Serges Moscovici (1961), this theoretical assumption analyzes that cultural practices are socially constructed. This theory became relevant to understand the dynamics of social representations about the non-practice of lobolo and the attribution of the figure of Mukuaxi. The results show that there is a pre-knowledge of the importance of this sociocultural practice, assuming the categorization of the Mukuaxi figure, since it takes place within our own sociocultural context. However, some participants believe in the idea that not practicing lobolo is not oblivious to the lack of financial conditions and lack of pre-knowledge of it as part of our cultural universe. Some point out, above all, the lack of preparation on the part of men associated with decision-making power, a fact that the non-practice of lobolo can subject the attribution of socially constructed categories with a focus to the Mukuaxi. As for the perception of women, we found that they feel themselves rejected and excluded in the context of not practicing lobolo. With the issue raised, we were able to build the argument that the attribution of the Mukuaxi figure is conditioned by the non-practice of lobolo by men because they do not gather financial resources, due to religious factors associated with the Christian imagination in which it is not prohibited the lobolo practice, but some rituals submerged in it, such as the invocation of the ancestors' spirits through the “Ku-phalha” ritual. However, nowadays, God is invoked, a fact that leads this lobolo practice to modernization and requalification.

Keywords: *Lobolo, Social Representations and Mukuaxi*

Índice

Declaração de Originalidade	i
Dedicatória	ii
Agradecimentos.....	iii
Epigrafe	iv
Resumo.....	v
Abstract	vi
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I: DA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA À PROBLEMATIZAÇÃO	8
1.1. Revisão Bibliográfica	8
1.2. Problematização.....	15
CAPÍTULOII: ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL.....	17
2.1. Teoria Base	17
2.2 Definição e operacionalização dos conceitos	18
2.2.1 Representações sociais	19
2.2.2 Lobolo	19
CAPÍTULOIII: ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	22
3.1. Método de abordagem	22
3.2. Método, Técnicas e Instrumentos de recolha de dados	22
3.3. População e amostra	23
3.3.1. Quanto ao tipo de amostragem.....	24
3.3.2 Quanto à amostragem.....	24
3.4. Perfil sócio - demográfico dos participantes da pesquisa.....	24
3.5. Constrangimentos e Superação.....	26
3.6. Questões Éticas.....	27
CAPÍTULOIV: APRESENTAÇÃO DE ANÁLISE DE DADOS	28
4.1. Sobre Área de estudo.....	28
4.1.1 Sobre Localização Geográfica e Aspectos Histórico-Culturais	28
4.2. Representações sobre a atribuição da figura de <i>Mukuaxi</i>	29
4.2.1. Do sentido capitalista do lobolo à atribuição da figura de <i>Mukuaxi</i>	29
4.2.2. Decadência do significado e do valor do lobolo	31
4.3. A persistência do lobolo ao longo do tempo	33
4.3.1. O pré-conhecimento da prática do lobolo e o poder de decisão do homem.....	33
4.3.2. O papel da religião, modernização e requalificação do lobolo	34

4.4. Percepções de homens e mulheres sobre a prática e não prática do lobolo.....	36
4.4.1. Desequilíbrio e instabilidade familiar e social na opinião dos homens.....	36
4.4.2. O lobolo como garantia de prestígio e respeito na sociedade para a mulher.....	39
4.5. Formas de dissolução da figura de <i>Mukuaxi</i> : Da prática do lobolo à afirmação de uma nova identidade.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
ANEXOS.....	50

INTRODUÇÃO

O lobolo é visto como uma instituição sociocultural em Moçambique, surge como união de duas famílias e, para mostrar o poder do homem sobre a mulher que se associa ao orgulho que o casal tem em ter passado deste ritual de casamento tradicional. A partir da década de 80, século XX, o lobolo mostra seu fundamento tradicional, inclinando-se cada vez mais na alimentação dos anseios capitalistas, perdendo, deste modo, significado político-familiar, no que tange ao exercício do poder do Homem sobre a mulher (Ngovene, 2011).

É nesta linha de pensamento que se multiplicam casais que não passam dessa cerimónia, por um lado, por se determinar valores altíssimos de lobolo, por outro, aliado ao facto de se deparar com uma economia basicamente virada ao consumo, que não sustenta as grandes despesas do nível das exigências do lobolo e, ainda, ligado à delapidação dos valores político-familiares que este outrora era atribuído.

Nesse âmbito, surge a obrigação do lobolo, onde de um lado, se o homem não o faz incorre a atribuição da figura de ”¹*Mukuaxi*”, que, muita das vezes, é tido como condição para a representação, construção e reconhecimento de categorias socialmente estabelecidas, assunto que constitui objecto de análise para o presente trabalho, com o seguinte tema: “*Dinâmicas das Representações Sociais da figura de Mukuaxi no contexto da não prática de Lobolo: O caso do Distrito de Marracuene, Província de Maputo*”.

O lobolo é uma prática tradicional típica de várias sociedades no contexto moçambicano, e está sujeita a profundas transformações influenciadas pelos factores ligados a globalização. Desta forma, olhamos a necessidade de abordar esta temática desde a sua dimensão generalizada, aspectos da sua modernização, porque esta instituição social engloba um conjunto de aspectos, tradicionais, simbólicos, económicos e políticos sociais. Neste trabalho abordamos a temática de lobolo numa

¹*Mukuaxi* - é um termo tradicional e culturalmente instituído entre os tsongas de sul de Moçambique no contexto dos homens que ainda não cumpriram com o seu dever tradicional de lobolar. Define-se dum outro lado como um indivíduo a quem se atribuí este termo, por não ter ainda contraído o matrimónio, neste caso, o indivíduo que vive maritalmente com a mulher, mas que ainda não cumpriu com as suas obrigações tradicionais. Isto é, ainda não fez o lobolo.

vertente diferente num contexto sociológico e antropológico, o contexto histórico da sua realização, bem como buscamos identificar e compreender os factores que conduzem a atribuição da figura de *Mukuaxi*.

Esta prática ocupa um lugar importante e primordial em Moçambique. Primeiro, porque sempre foi historicamente praticado e considerado uma prática tradicional entre os Tsongas do Sul de Moçambique, e em segundo lugar, deve tomar-se em consideração o papel da sua modernização e persistência a nível das famílias no sul de Moçambique.

O interesse por este assunto, emerge pelo facto de notarmos que, no quotidiano dos indivíduos, principalmente dos homens atribuídos a esta figura de *Mukuaxi*, e os indivíduos que vivem e convivem com os mesmos, tem-se manifestado de forma muito dinâmica as estratégias maritais socialmente aceites e privilegiadas, sendo que o homem por não ter ainda cumprido com o seu dever matrimonial, neste caso, o indivíduo que vive com a mulher, mas que ainda não a lobolou, ser, por esta via, atribuído a figura de *Mukuaxi*.

Uma das primeiras interpretações sobre esta prática é encontrada nos estudos feitos por Henri Junod (1996), onde analisa que esta cerimónia de casamento para que seja completa é necessário que se estabeleça o *bridewealth*. Com isso, o pagamento do dote é importante para a cerimónia e vai se modificando de acordo com o contexto histórico em que se vive. Exemplos disso, são que, no primeiro momento, antes do contacto com os brancos, o pagamento poderia ser feito através de esteiras e objectos de vimes, o que a posterior veio a mudar.

Dados históricos apontam para modificações significativas na maneira como o lobolo foi realizado ao longo do tempo em Moçambique. No período pré-colonial, o lobolo era realizado com esteiras e objectos de vimes e com o início do comércio costeiro foram introduzidos novos costumes no âmbito da realização desta. A relação com os europeus e com a mudança dos sistemas de valores materiais, o pagamento poderia ser efectuado com grandes anéis de ferro, possíveis de serem obtidos por trocas, o que demonstra a interferência do lobolo também na economia, como explica Junod. Os bois, ou outro tipo de gado, também foram muito presentes para a troca.

Com a diminuição destes, já ao final do século XIX, como Junod (1996) aponta, sendo causada por guerras com os Zulu, as enxadas e as contas ganharam grande espaço na cerimónia. Posteriormente, as enxadas foram substituídas pela libra esterlina. Já na

contemporaneidade, vemos que entre os presentes oferecidos pela família do noivo, existe a oferta de dinheiro e de tecidos para toda a família (Junod, 1996).

Agora, muitas vezes, se o noivo não possui dinheiro suficiente para a consolidação do lobolo, a noiva que trabalha também ajuda para a construção do montante, de forma que podemos questionar no presente a ideia de preço da noiva, ou de simples compra da noiva. Mesmo com as relações familiares de produção modificando-se, nas quais as pessoas não trabalham mais apenas em suas propriedades ou nas plantações da família, mas têm a possibilidade de trabalhar em meio urbano e possuir um salário, o lobolo permanece, ainda que agora não seja entendido como apenas a reprodução social. Granjo (2006) aponta:

“Podemos mesmo assim verificar que, após a sua catalogação pelos colonizadores como um exótico e incivilizado arcaísmo, e após a sua inclusão entre as práticas e instituições a abater pelas autoridades do Estado independentemente, o lobolo, se mantém e aparentemente reforça, reproduzindo-se hoje num contexto em que o discurso público generalizadamente aceita (e por vezes enfatiza) a “tradição” (Granjo, 2006).

Portanto, é necessário analisar o lobolo buscando compreender de que forma ele foi instituído, mas também como foi modificando-se e, especialmente, a maneira como é encarado pela sociedade moçambicana. O lobolo engloba hábitos e costumes com configurações sociais das comunidades, incluindo o sul de Moçambique.

O lobolo é também uma prática realizada em todo continente africano, tratando-se de um processo pelo qual a mulher é encaminhada da casa de seus pais para a casa da família do homem. De acordo com Pinho (2011), já na época clássica, antes da colonização do continente africano, no lobolo o preço da noiva era uma variável cuja função era de transformar e legitimar o parentesco num preço apropriado para a reprodução social por meio de comportamentos padronizados. A finalidade desta prática não prevaleceu ao longo do contacto com a modernidade.

No decorrer do tempo, esta prática sujeitou-se aos limites e modalidades dos preceitos tradicionais africanos, estes preceitos foram balados pela entrada do continente na modernidade, o que fez com que muitos deles fossem perdidos, banalizados ou ignorados. Particularmente, no contexto moçambicano, a prática de lobolo não seguiu um sentido diferente da maneira como é feito na África em geral.

A fim de entender o processo de casamento, do qual o lobolo faz parte, importa realçar que, actualmente, esta prática consiste em primeiro lugar na apresentação da intenção do noivo de criar um laço com uma mulher, realizada por parentes e amigos, num encontro chamado “*hikombela mati*²”. Nesta ocasião, ou após esta cerimónia, os familiares da noiva dão aos representantes do noivo um documento no qual são especificados os pedidos para o lobolo. Após alguns meses ou anos, dependendo da capacidade do noivo para adquirir os presentes, o lobolo é realizado.

Por isso, os homens uma vez atribuídos a figura de *Mukuaxi* pela não realização do lobolo, vêm-se pressionados a voltar-se ao cumprimento desta norma tradicional, isto é, o homem deve reunir condições para lobolar a sua esposa com vista o restabelecimento da harmonia sociofamiliar e consequentemente a manutenção da ordem social por intermédio desta prática, proporcionando também um comprometimento e convivência marital. Deste modo, acreditamos que, com este estudo, se pode compreender de forma mais aprofundada esse processo, principalmente no que diz respeito à questão da dinâmica das representações sociais da atribuição da figura de *Mukuaxi*.

As Dinâmicas das Representações Sociais da Figura de *Mukuaxi* no contexto da não prática do Lobolo são consideradas como uma prática sócio-cultural característica da sociedade *tsonga* de sul de Moçambique, e vem ultimamente, ampliar seu domínio abrangendo áreas matrimoniais. Portanto, esta prática realizada no sul de Moçambique mais concretamente no distrito de Marracuene, tem na actualidade verificado mudanças de representações, percepções, valores, atitudes, por parte dos indivíduos que são atribuídos essa figura e os que vivem e convivem com eles, pois, essas práticas podem levar a alterar todo um conjunto de condições matrimoniais repercutindo de diferentes formas nas interações entre os membros da família e os homens que são atribuídos a referida figura de *Mukuaxi* pela não prática do lobolo, ou por não ter lobolado suas mulheres. De salientar que a cerimónia, denominada de lobolo, é a grosso modo a cerimónia de casamento entendida como “tradicional” no sul de Moçambique, na qual a família do noivo oferece bens para a família da noiva em troca do casamento, a importância da mesma para a organização social no Sul de Moçambique, desde os tempos remotos até os dias actuais.

²*Hikombela mati* é um termo local usado na cultura Rhonga que, traduzindo literalmente (estou a pedir água), nesse contexto é uma filosofia do quotidiano para pedir uma mulher em casamento.

A análise do lobolo no contexto do sul de Moçambique, permite-nos compreender e salientar de que forma as representações tradicionais subjacentes ao lobolo podem ser apropriadas para resolver preocupações conjugais marcadamente inovadoras, tal como nos permite compreender de que forma se joga nela a significação de todas as partes envolvidas, num quadro em que o acesso aos antepassados e o controle sobre os descendentes é manipulável em função de interesses e igualdade de estatutos.

Alguns estudos eminentemente recentes supõem que é necessário analisar o lobolo buscando compreender de que forma ele foi instituído, mas também como foi modificando-se e, especialmente, a maneira como é encarado pela sociedade moçambicana. Leituras feitas sobre o assunto no contexto nacional e continental suscitaram o interesse em explorar as “dinâmicas das representações sociais da figura de *Mukuaxi* no contexto da não prática do lobolo no Distrito de Marracuene”, onde mostram que o lobolo é visto como uma prática tradicional por meio do qual se unem duas pessoas de sexo opostos pelo casamento condicionado ao pagamento real ou simbólico de um dote.

Neste âmbito, o presente trabalho tem como objectivo geral: *Compreender a Dinâmica das Representações Sociais da Figura do Mukuaxi no contexto da não prática do lobolo no Distrito de Marracuene*. E para o alcance do objectivo geral, teremos como objectivos específicos:

- i) Identificar e compreender os factores que conduzem a atribuição da figura de *Mukuaxi* no contexto da não prática do lobolo;
- ii) Explicar as consequências que podem advir a partir desta atribuição da figura de *Mukuaxi* no contexto da não prática do lobolo e por fim;
- iii) Analisar as formas de dissolução da figura de *Mukuaxi* no contexto da não prática do lobolo;

O trabalho está dividido em quatro capítulos principais, o primeiro vai da revisão bibliográfica à formulação do problema de pesquisa. Nesta secção, colocam-se em debate as abordagens já formuladas em torno do tema em análise, a qual culmina com a problematização e posterior pergunta de partida que orientou as etapas subsequentes.

No segundo capítulo, encontramos o enquadramento teórico e conceptual, isto é, apresentamos a teoria e os conceitos que nos auxiliaram na interpretação da realidade social em estudo. O terceiro capítulo, reservámo-lo aos aspectos metodológicos. E, por

fim, o quarto e último capítulo que é referente à apresentação, análise e discussão de dados.

Justificar a questão de lobolo é sem dúvida abordar um fenómeno que ocorre, ou deveria ocorrer num contexto em que somos parte da sociedade, isso equivale a abordar a nossa própria realidade e numa vertente em que a sua não prática culmina com a atribuição de categorias local e socialmente construídas. Esta é a razão pela qual escolhemos estudar as dinâmicas das representações sociais da atribuição da figura de *Mukuaxi* no contexto da não prática de lobolo.

A questão da não prática do lobolo não está alheia ao processo de objectivação que decorre nas ciências sociais. Assim, esta questão passou de uma inquietação de fórum civil (jurídico), para um fenómeno cujas dimensões se tornaram de carácter social e cultural e de responsabilização individual e colectiva.

Tomando em consideração a esta prática, onde em alguns contextos e épocas dentro das suas informações culturais tem-se considerado irrelevantes. Isto remete-nos a necessidade de se conhecer as representações sociais dos indivíduos de modo a compreendermos os factores que estão por detrás da atribuição da figura de *Mukuaxi* no contexto da não prática do lobolo.

Portanto, o nosso interesse em analisar esta temática da dinâmica das representações sociais da atribuição da figura de *Mukuaxi* prende-se na assunção de que existe uma estreita relação entre a forma como as pessoas percebem o mundo e o modo como julgam que o *Mukuaxi* é originado pela não prática de lobolo por parte dos homens.

Tendo em conta a eficácia desta prática sociocultural e tradicional, passa pela percepção que os indivíduos têm ou constroem em relação ao problema, uma análise ao processo da construção das representações sociais da atribuição da figura de *Mukuaxi* no contexto da não prática de lobolo que, se mostra importante na medida em que pode ilustrar limitações e obstáculos na eficácia desta prática.

A prática ou não do lobolo e da compensação colectiva, aponta que o casamento, para os clãs do sul de Moçambique, não era um rito individual, mas sim uma espécie de contrato entre dois grupos onde se não for feito, o homem não é considerado em casa da noiva, e por consequência disso é atribuído a figura de *Mukuaxi*.

Se doutro lado é praticado o lobolo, então a figura de *Mukuaxi* é dissolvida consequentemente. Não obstante, a família do noivo e a família da noiva, tornam-se

ligadas através dos espíritos evitando a ocorrência de infortúnios. A partir desse pressuposto, vê-se questões de colectividade e de regulação social da família.

De referir que as transformações que ocorrem nas sociedades contemporâneas dentre as quais destacamos a destradicionalização que emerge da não prática do lobolo (Giddens, 1991, 2006) desafiam, colocando em evidência, os conceitos e explicações sociológicas demandando novas abordagens (Touraine, 1994). A não prática do lobolo remete-nos a destradicionalização, o que torna esta prática um espaço apropriado em que os antigos conceitos possam ser testados e os novos conceitos igualmente sob ponto de vista da sua riqueza explicativa.

CAPÍTULO I: DA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA À PROBLEMATIZAÇÃO

1.1. Revisão Bibliográfica

Neste capítulo, inteiramo-nos de forma mais aprofundada sobre a dinâmica das representações sociais no contexto da não prática de lobolo, trazendo as várias contribuições de diferentes estudos realizados. Colocamos igualmente em discussão as perspectivas dos autores que abordam sobre a prática de lobolo, correlacionando-a com as Representações Sociais o que não só vai viabilizar a contextualização do objecto em estudo, mas também vai permitir uma formulação concisa e original do problema de pesquisa a ser levantado.

As perspectivas sistematizam e se sintetizam em duas principais abordagens, nomeadamente: a abordagem “generalizada” e outra de carácter “sociológico”. A primeira abordagem enfatiza a questão do lobolo como “prática tradicional” reconhecida e meio culturalmente legítimo, bem como discute o papel da sua modernização no sul de Moçambique.

No contexto nacional abordamos alguns estudos realizados no âmbito da prática do lobolo como meio culturalmente legítimo para a passagem da mulher da casa da família para sua nova família, e de um modo geral é neste contexto nacional sobre o qual o trabalho reflecte.

Um dos estudos que nos ajuda a compreender este cenário é de Santana (2009) onde apresenta depoimentos de diferentes actores sobre a prática do lobolo. De acordo com esta autora, o lobolo é uma prática *generalizada* e na medida em que é e deve ser reconhecida como prática necessária no sul de Moçambique por meio do qual as mulheres conquistam uma posição privilegiada no seu seio. Como consequência, as mulheres que estivessem nesta situação de união com a ausência do lobolo eram vítimas de discriminação dos outros que as representavam como ilegítimas.

Diferentemente de Santana (2009), que aborda a não prática do lobolo e suas repercussões sociais, Bagnol (2008) privilegia uma dimensão simbólica e funcional desta prática, defendendo que a prática do lobolo ainda está imbuída de significados tradicionais, por exemplo, significa um meio de ligação com os antepassados e desempenha uma função de legitimação da passagem da mulher da casa da sua família para a casa do parceiro. É isso que faz com que a sua ausência (quando não é praticado) resulte em efeitos negativos para o casal, que recaem especialmente sobre a mulher.

De acordo com Bagnol (2008) a não prática do lobolo afecta a capacidade de reprodução da mulher casada. Esta pode não oferecer filhos ou uma nova geração ao marido e a família deste respectivamente. Estes acontecem porque a união não buscou reconhecimento da família da mulher e dos seus antepassados e, como punição, a mulher é castigada.

Segundo o mesmo autor, no âmbito desta prática, a noiva passa, assim, a fazer parte do grupo do marido e o noivo é um *mukonwana*³, um genro deixa de assumir o estatuto de *Mukuaxi*. Tanto a cerimónia de *hikombela mati* como a do lobolo são realizadas por representantes do noivo e da noiva. Geralmente, são parentes próximos, como os tios e tias paternos e maternos, e os irmãos e irmãs. São igualmente incluídos vizinhos, conhecidos da igreja ou amigos, seleccionados pela sua capacidade de argumentação.

Realizado o lobolo, o casal vai viver com os familiares do noivo ou numa residência independente. A noiva é levada pelos seus familiares para a nova casa numa cerimónia chamada *xiguiyane*. Durante o *xiguiyane*⁴, os pertences da noiva e os presentes da sua família acompanham-na (estes são, geralmente, vestuário e utensílios domésticos). Actualmente, nas áreas urbanas é comum as pessoas combinarem o lobolo com o casamento civil e/ou religioso (Granjo, 2006).

Na mesma altura, a Igreja Católica, visando «civilizar» a população, agiu contra o lobolo, proibindo os recém-convertidos de o praticarem e encorajando os casamentos canónicos. Na mesma linha de pensamento, depois da independência, o governo definiu uma estratégia que visava erradicar o que chamava «valores retrógrados da sociedade tradicional», que incluíam o lobolo em que a mulher era comprada, herdada, como se fosse um bem material, uma fonte de riquezas no contexto tradicional de Moçambique (Welch, 1982).

Para este autor, as tradições foram vistas durante muito tempo como imóveis, incluído pelas ciências sociais. Porém, estudos recentes mostram que as tradições nunca foram estáticas e constituem um recurso maleável constantemente adaptado, uma vez que resultam de processos socioeconómicos, são determinadas por eles e demonstram grande capacidade de adaptação e no lobolo, a mulher está na berlinda, não é qualquer que a conquista, mas sim quem dispõe de poderes ou meios para o poder fazer. Sendo a

³*Mukonwana* é um termo da cultura Rhonga para designar genro.

⁴*Xiguiyane* é o momento em que a noiva é levada pelos seus familiares para a nova casa, o seu novo lar com o marido, acompanhada de alguns bens.

mulher considerada um valor pelos serviços que presta na povoação em que vive, se caso ela saia da sua povoação, esta perde esse valor. Assim quando a mulher se casa, a qual tem de acompanhar o marido, abandona a sua povoação.

Actualmente na zona sul, caso da Província de Maputo onde o estudo decorreu, o noivo apresenta-se ou a menina apresenta o seu noivo (namorado com intermediários) e este mais tarde manifesta o desejo de viver com ela e pede as condições para formalizar a situação marital, a família, a qual remete-lhes três casamentos: tradicional, civil e religioso. Todavia, o lobolo é *imprescindível*, razão pela qual o governo reconhece como legítimas as famílias constituídas neste casamento, desde que as estruturas comunitárias da base assistam (Fernandes, 2018).

De acordo com Granjo (2006), as funções do lobolo eram múltiplas: Em primeiro lugar representava uma compensação (no sentido lato) e não um “dote” nem um “preço de compra”, como de forma errada alguns o têm considerado. Em segundo lugar legalizava a transferência da capacidade reprodutora da mulher para o grupo familiar do marido, de que passava a fazer parte. Em terceiro lugar dava carácter legal e estabilidade à união matrimonial.

Portanto, o lobolo constituía um meio de aquisição de outra unidade reprodutora para o grupo enfraquecido. Hoje, para além de continuar a ser exigido não só pelos pais devido aos lucros que auferem, mas também pelas mulheres que o julgam como factor de protecção e como uma afirmação do seu valor pessoal, o lobolo é também desejado pela maioria dos homens que o consideram como prova indiscutível dos seus direitos sobre as mulheres e sobre os filhos gerados.

O lobolo pode ser fácil e aceitavelmente modificado nas suas características, em resposta à multiplicidade de motivações, dificuldades e condições externas que o envolvam, em cada caso e situação histórica. Por conseguinte, nota-se que antigamente era prático que os pais do noivo e outros familiares contribuíssem para o suporte das despesas daí decorrentes, o que hoje reduziu substancialmente, sendo actualmente o noivo o responsável pelo pagamento do lobolo com pouca ajuda dos pais, familiares ou outras fontes. A mobilização de meios para o casamento envolvia os seniores da família e excluía em geral o próprio noivo. Agora, a obtenção dos meios para lobolar passa a estar principal ou exclusivamente a cargo do próprio noivo (Junod, 1996).

De acordo com a perspectiva e o debate acima levantado, analisamos que hoje, o lobolo não só é exigido pelos pais devido aos lucros que auferem, mas também pelas mulheres que o julgam como factor de protecção e como uma afirmação do seu valor pessoal, o lobolo é também desejado pela maioria dos homens que o consideram como prova indiscutível dos seus direitos sobre as mulheres e sobre os filhos gerados.

A segunda perspectiva em debate é a *perspectiva sociológica* que busca significados e interpretações socioculturais da prática de lobolo, esta perspectiva sociológica avança que o próprio contexto social desta prática tem como fundamento a manutenção da ordem e reprodução social. Este debate é levantado por (Tembe, 2005; Bagnol, 2008; Granjo, 2006; Honwana, 2002; Pinho, 2011).

Tembe (2005) em sua monografia intitulada “*A Legitimidade do Lobolo nos Últimos 30 anos em Moçambique*”, discute o valor social do lobolo, que busca-se a partir do fundamento da existência desta instituição cultural, que se resume na necessidade de legitimar, tradicionalmente, as uniões dos cônjuges e comunicar aos espíritos a movimentação de um membro de uma família para a outra, a protecção desta mulher em todas as circunstâncias, confere o direito do uso de poderes do homem sobre a mulher na família e na sociedade. Na prática estes valores concorrem a desuso devido aos vários factores, dentre estes, a liberalização do namoro e as revoluções tendentes à emancipação da mulher.

Pinho (2011) em: *A Antropologia na África e o lobolo no sul de Moçambique*, analisa que esta prática é marcadamente inteligível de um ponto de vista sociológico. O parentesco no âmbito da prática do lobolo, resulta do reconhecimento de uma relação social entre familiares e de suas consequências para o exercício prático da vida social. Por outro lado, a descendência, seja agnática ou cognática, só pode ser reconhecida e exercer sua função a partir da discriminação de mecanismos de filiação socialmente e culturalmente reconhecidos.

Em relação ao reconhecimento dos valores sociais e culturais atribuídos ao lobolo pela sociedade, Granjo (2006) avança os seguintes:

O lobolo garante a comunicação dos espíritos de ambas famílias que a mulher sai da sua família biológica e passa a pertencer à família de aliança, que é do marido, o reconhecimento do apelido do marido aos filhos que saírem do ventre da mulher lobolada, a protecção da mulher na família do marido em caso de morte deste homem e por fim, permite o reconhecimento e legitimidade da sua

união e moralidade dos casais que se sentem orgulhosos por terem cumprido o ritual do lobolo (Granjo, 2006).

Tomando em tónica os pressupostos avançados por Granjo (2006), importa perceber que na verdade, o lobolo seguiu uma linha evolutiva de mutações, acompanhando as modificações da própria sociedade, facto que foi modificando o seu valor social, perdendo, deste modo, algum peso na sociedade

Cipire (1996), que escreveu o livro, *A Educação Tradicional em Moçambique*, mostra a importância e o significado do lobolo, referindo-se às suas vantagens e desvantagens. Menciona como vantagens, a moralidade que este traz para com os filhos do casal que passou do ritual, na protecção que a mulher lobolada tem na família do seu marido e na recompensa que os seus pais se beneficiam para garantir a legitimidade da sua união. No lote das desvantagens, o autor invoca o facto de o lobolo ganhar contornos capitalistas, que inicia com o trabalho migratório, a partir de 1890, nas minas da África do Sul, que este perde o valor simbólico e passa a custar valores elevados, associados à satisfação das necessidades económicas das famílias que cobram o lobolo.

Na perspectiva de Tembe (2005), a crescente proliferação da capitalização do lobolo trouxe uma banalização desta instituição cultural, alicerçada na legitimação tradicional, tanto das alianças dos noivos, como da paternidade dos filhos que o casal irá gerar.

Desta forma as características que fazem com que o lobolo continue de modo expressivo hoje são, principalmente: o seu instrumento para superação de problemas espirituais; a busca pela harmonia social entre vivos e antepassados; e a inscrição do indivíduo numa relação de redes de parentesco que faz parte de sua identidade social (Bagnol, 2008).

Em síntese, o lobolo mantém-se e, aparentemente, reforça-se de acordo com as situações sociais, “reproduzindo-se hoje num contexto em que o discurso público generalizadamente aceita (e por vezes enfatiza) a tradição” (Granjo, 2006).

Granjo (2006) em *Lobolo em Maputo (significado social e cultural)*, analisa que o lobolo, permite-nos sociologicamente compreender e salientar de que forma as representações tradicionais subjacentes ao lobolo podem ser apropriadas para resolver preocupações conjugais marcadamente inovadoras. Tal como nos permite compreender de que forma se joga nela a significação de todas as partes envolvidas, num quadro em que o acesso aos antepassados e o controle sobre os descendentes é manipulável em função de interesses e igualdade de estatutos.

A antropóloga moçambicana Honwana (2002) afirma que nenhuma prática tradicional diferente dos pressupostos da ciência moderna que classificou a tradição dos povos africanos como algo estático e homogéneo, e, portanto, hostil a mudança pode ser interpretada como uma cópia exacta de uma prática anterior, porque elas são criadas e recriadas por intermédio dos processos de interacção social e históricos.

Nesse sentido, podemos dizer que a reprodução de uma categoria cultural exercida pelos indivíduos numa determinada sociedade não é igual e varia de acordo com as situações sociais que eles atravessam, pois, toda reprodução cultural consiste numa alteração daquilo que foi apreendido pelos próprios indivíduos anteriormente: “as categorias culturais através das quais o mundo actual é orquestrado assimilam algum novo conteúdo empírico”, assumindo valor dinâmico. É nesse sentido que o lobolo é inculcado.

Neste sentido, o lobolo assumidamente transcende o amor, tratando-se de uma relação intrínseca com o mundo dos antepassados da noiva e do noivo, em que se estabelece um contacto directo e contínuo entre os vivos e os mortos e, por intermédio da conexão com os espíritos dos antepassados e a realização de suas exigências, fundamenta-se a harmonia social entre os noivos, e, sobretudo, sela o laço social entre ambas as famílias, abençoando e garantindo prosperidade à família que está por vir. Honwana (2006) salienta:

Apesar das modificações atribuídas ao lobolo durante a sua prática, há algumas fases básicas tradicionais para sua realização: a primeira etapa está associada à intenção do noivo estabelecer um vínculo com a mulher desejada; para tal, parentes e amigos próximos aparecem na casa da mulher num encontro denominado *hikombela-mati* (pedir água). Nesse caso, seus representantes levam alguns presentes específicos e abrem o diálogo para futura cerimónia de lobolo, identificando a mulher designada pelo noivo. Esse encontro estabelece o primeiro laço com a mulher e seus familiares por parte do noivo e de sua família, e os presentes servem como mão de entrada (Honwana, 2002).

Bagnol (2008), por seu turno analisa que, o lobolo constitui uma prática importante na sociedade urbana. O lobolo na vertente sociocultural permite nos estabelecer uma comunicação entre os vivos e os seus antepassados e a criação ou o restabelecimento da harmonia e ordem social. O lobolo inscreve o indivíduo numa rede de relações de parentesco e de aliança tanto com os vivos como com os mortos. O lobolo faz parte da

identidade individual e colectiva, ligando seres humanos e mortos numa rede de interpretações do mundo e num conjunto de tradições em contínuo processo de transformação.

Recentemente, Paulo Granjo, analisando a capacidade do ritual do “*lovolo*” para resolver problemas modernos, enfatiza a sua *plasticidade* e *polissemia*. Ele considera que a sua resiliência se deve simultaneamente ao seu papel no reconhecimento de uma relação matrimonial, na valorização do estatuto do casal, na regulação da descendência e na «domesticação do aleatório e dos perigos» (Granjo, 2006).

É importante, nesse ponto de vista, enfatizar os aspectos eminentemente sociais da prática de lobolo, que o fazem significativo do ponto de vista sociológico, e funcional do ponto de vista do compromisso dos agentes com a manutenção e a reprodução da ordem social. Nesse sentido, os vínculos afectivos e mesmo biológicos não são o essencial nos sistemas de parentesco, entendidos como definidos através de seus operadores práticos, a descendência e o casamento.

Nesse contexto, o casamento é essencial, e mola propulsora da teia de relações sociais que se erigem propriamente como uma estrutura, que sustenta a sociedade de modo dinâmico. Ainda que os estudos sejam considerados de carácter sincrónico, a sociedade é entendida em termos dinâmicos, um dinamismo que significa a reprodução de uma ordem dada dentro de um contexto determinado. No caso dos estudos africanos dessa época, esse era um contexto “perturbado” pelas alterações que a ocupação colonial, as missões e o dinheiro traziam (Pinho, 2011).

Portanto, para Pinho (2011) com as transformações sociais e os adventos modernos, as posições sociais e os relacionamentos entre os homens e as mulheres foram modificando-se. Também se transformaram as relações entre as pessoas e o estado. Mesmo assim, o lobolo permaneceu e permanece na sociedade, de forma diferente, mas ainda como papel central para a consolidação das posições sociais e das relações familiares.

Analisando não só a categoria da figura de *Mukuaxi* no sul de Moçambique e mais especificamente no distrito de Marracuene onde se realizou o estudo do lobolo como prática cultural e tradicional, percebemos que a sua permanência acontece pelas pequenas e quotidianas relações, ou seja, através das respostas que ele oferece para as questões e pelas modificações as quais vai sofrendo.

Rosenthal (1998) ao analisar os casos em uma escala mais reduzida, no micro, pode-se, de certa forma, obter um alcance geral das práticas e da importância do lobolo e a atribuição da figura de *Mukuaxi* por parte dos homens que não o praticam.

Autores como Pinho (2011), aponta que as estruturas mais significativas da cultura não residem na sua forma estrutural e estática enquanto si, mas sim na sua destruição, nas suas diferenças e na sua adaptação. Assim sendo, não se deve pensar apenas no macro/micro, mas nas transições que demonstram que as práticas de atribuição de figura de *Mukuaxi* entre os *Tsongas* do sul de Moçambique não são estáticas, que ocorrem dependendo das reacções das pessoas, e que nem sempre possuem uma regularidade.

Dessa forma, é reforçado pelo pensamento de que as tradições são representacionais, construídas e mutáveis, percebe-se que a atribuição da figura de *Mukuaxi* no homem da zona sul de Moçambique pela não realização da cerimónia de lobolo, através da sua permanência, apesar das investidas contra, possui uma significação essencial para a constituição e regulação da sociedade moçambicana. De acordo com as perspectivas e o debate acima levantado, analisamos que:

- Com as transformações sociais e os adventos modernos, as posições sociais e os relacionamentos entre os homens e as mulheres foram modificando-se. Também se transformaram as relações entre as pessoas. Mesmo assim, o lobolo permaneceu e permanece na sociedade, de forma diferente, mas ainda como papel central para a consolidação das posições sociais e das relações familiares.

1.2. Problematização

O lobolo é uma forma simples e isenta da burocracia do Estado de contrair matrimónio acessível para pessoas de todos os estatutos sociais, tanto nas zonas urbanas, como rurais. Tem funções claras dentro de uma sociedade patrilinear, que são: uma forma tradicional de celebração de matrimónio; uma forma de mostrar o amor que um homem sente por uma mulher; de mostrar o respeito pela família da futura esposa; união de duas famílias em redor da construção de uma nova família; garante a atribuição do apelido do marido aos filhos; serve para mostrar um sentimento de gratidão da família que vai se beneficiar do convívio e trabalho desta nova filha que passará a pertencer à família do

noivo. Na história política o lobolo é visto como meio de legitimação do poder que o Homem tem sobre a sua esposa na família (Honwana, 2002).

Portanto, um aspecto local às abordagens sobre dinâmicas das representações sociais da figura de *Mukuaxi* no contexto da não prática do lobolo assenta na aceitação do seu valor primordial enquanto fenómeno socialmente construído, sobretudo enquanto produto de uma moldagem e de um aperfeiçoamento cultural e tradicional. A atribuição da figura de *Mukuaxi* no contexto da não prática do lobolo é analisada como um campo social pejado de significações, representações, rituais e simbolismos relativamente à prática em si, ao referido *Mukuaxi* e a razão dessa atribuição, aos procedimentos posteriores para a sua desaceitação.

Esta atribuição apresenta variâncias e diferenciações locais no contexto sul de Moçambique. Esta temática preocupa vários estudiosos da área com vista a encontrar, comparativamente intersecções e pontes de compreensão. No entanto, consideramos que a ênfase na legalidade e na legitimidade esconde alguns aspectos importantes do modo como se efectivam as representações e relações sociais desta prática.

Assim, nesta pesquisa, procuramos captar essas representações sociais da atribuição da figura de *Mukuaxi* e os factores neles assentes. E, é com base neste pressuposto, que construímos a seguinte pergunta de partida:

- ***Que Representações Sociais são atribuídas a figura de Mukuaxi no contexto da não prática de lobolo no Distrito de Marracuene, província de Maputo?***

CAPÍTULO II: ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL

2.1. Teoria Base

Nesta secção, inteiramo-nos na apresentação da teoria que nos serviu de alicerce na interpretação da realidade social que se pretendia analisar, para tal propusemo-nos o uso da perspectiva teórica das *Representações Sociais* que nos é apresentada por Serge Moscovici (1961).

Moscovici (1961) em sua obra “*A psicanálise, sua imagem e seu público*”, aborda a questão das representações sociais e afirma que as representações sociais não contemplam a individualidade contemporânea, pois os fenómenos sociais são muito ligados ao quotidiano do indivíduo, não obstante, o indivíduo faz parte da construção da representação, isto é, ele participa em sua individualidade na elaboração desta.

Portanto, a *Teoria das Representações Sociais* como instrumento de análise da realidade social visa assim, possibilitar novos caminhos para compreender as relações sociais, bem como servir de suporte teórico para a produção científica. As representações sociais, conduzem um novo olhar dos sujeitos e objectos a que se propõe compreender, trazem à tona elementos importantes para compreensão das construções sociais.

Segundo Moscovici (1961), a representação social constitui uma série de opiniões, explicações e afirmações que são produzidas a partir do quotidiano dos grupos, sendo a comunicação interpessoal importante neste processo. Para este autor, a representação social deve ser considerada como teoria do senso comum, criada pelos grupos como forma de explicação da realidade, sendo que as pessoas no seu dia-a-dia vão trocando impressões em torno da realidade que nos rodeia, é deste intercâmbio que vão construindo e reconstruindo opiniões, explicações e afirmações sobre a realidade, constituindo-se as representações sociais sobre essa realidade.

Partindo do pressuposto de Moscovici (1961), neste trabalho teremos em consideração a representação social como forma segundo a qual cada grupo explica os fenómenos que lhe envolvem, neste caso, a atribuição da figura de *Mukuaxi* no contexto da prática de lobolo.

A representação social só existe quando é formada pelo todo, resultante da coercividade, exterioridade, generalidade dos fatos sociais. Tal posicionamento reforça que as representações colectivas, ou sociais, são resultantes do colectivo e feito para o

colectivo, pelo que as pessoas fora dos grupos sociais não passam de meros sujeitos isolados. Esta postura durkheimiana reforça que se as instituições sociais condenam certos modos de conduta dos indivíduos é porque estes desobedecem alguns de seus sentimentos fundamentais. Logo, as representações individuais têm pouca ou nenhuma importância diante das relações colectivas exteriores (Moscovici, 1961 *apud* Durkheim).

Esta postura de Durkheim recebeu diversas críticas, entre elas a de Moscovici (1961), que alega que a teoria durkheimiana não consegue resolver ou explicar a pluralidade das formas de organização do pensamento social, a não ser por definir que todos os factos são sociais, a noção de representação perde nitidez.

No entanto, para Moscovici (1961), as representações sociais são um conjunto dinâmico, sua característica é a produção de comportamentos e relacionamentos com o meio social, é uma acção que se modifica na relação entre sujeitos, e não uma reprodução de fatos sociais estabelecidos. O processo das representações permite a comunicação entre indivíduos e o grupo. Sua construção ocorre através das visões, ideias e imagens dos sujeitos sobre a relação e realidade social que os cercam.

Neste trabalho iremos usar a teoria das representações sociais como é formado por Moscovici (1961) na medida em que permite ir ao encontro das visões produzidas pelos indivíduos no seu dia-a-dia em relação aos aspectos que permeiam a problemática da atribuição da figura de *Mukuaxi* no contexto de lobolo, a visão de que Moscovici mostra o carácter partilhado das representações que os indivíduos produzem sobre os fenómenos.

2.2 Definição e operacionalização dos conceitos

Neste estudo destacamos alguns conceitos-chave que permitem a compreensão da lógica e da racionalidade que orientam compreensão das dinâmicas das representações sociais da figura de *Mukuaxi* no contexto da prática do Lobolo. Para entender a realidade social ou de qualquer fenómeno social, é importante apresentar as definições dos conceitos-chave: *Representações sociais e Lobolo*.

2.2.1 Representações sociais

De acordo com Birou (1982) a representação social define-se como sendo uma sensação acompanhada pela nossa consciência e experiência relativamente à realidade. Por seu turno, Gomes & Pontes (2002) citando Durkheim (1998) definem a representação como um sistema de construção do social que o homem faz sobre si e sobre o mundo, essas representações traduzem maneiras como o grupo se pensa nas suas relações com os objectos que o afectam em prol da realidade com outros sujeitos.

A representação social é algo que nos permite formar ideias, imagens e compreensões do mundo que nos rodeia, isto é, a maneira pela qual o homem sente e compreende o meio social e avança no sentido de considerar os factores de natureza sociocultural como importantes para a formação das representações sociais (Silva & Egler 2006).

Câmara *et al* (2010) ressalta que todas as representações estabelecidas sobre a prática do lobolo, são compreendidas num quadro de diversas formas de existir das sociedades, expressas nas diferentes culturas e formas de organização, pelo que se tornam pertinentes neste estudo porque traduzem valores, crenças, maneiras de pensar e de agir dos grupos sociais relativamente a realidade.

A definição de Representação social de Moscovici (1961) torna se mais eficaz para este trabalho na medida em que constitui um conjunto de ideias e explicações produzidas a partir do quotidiano dos grupos por intermédio da comunicação interpessoal. Segundo Moscovici (1961), a representação social é uma teoria do senso comum, criada pelos grupos como forma de explicação da realidade, sendo que as pessoas no seu dia-a-dia vão trocando impressões em torno da realidade que nos rodeia, é deste intercâmbio que vão construindo e reconstruindo opiniões, explicações e afirmações sobre a realidade, constituindo-se as representações sociais sobre essa realidade. Desta maneira, o conceito de *Representações Sociais* foi considerado privilegiado como *conceito-chave* para a efectivação deste trabalho.

2.2.2 Lobolo

O conceito de lobolo não reúne consenso no seio do debate académico, podendo cada autor valorizar algumas dimensões de análise em detrimento de outras.

Segundo Taibo (2012) lobolo pode ser entendido como um casamento costumeiro e recorrente no Sul de Moçambique, uma prática tradicional que envolve o *ku'lovola*

(significa dar bens à família da noiva para realizar uma união reconhecida entre os parentes do noivo e os parentes da noiva). Apoiar-se na dinâmica, transformando-se e reinventando-se ao longo dos tempos pelas interações sociais dos indivíduos decorrentes dos processos socioeconômicos. Uma prática que se generalizou culturalmente na sociedade moçambicana e que hoje, de acordo com as famílias que o praticam e a região do país, assume diversos contornos, podendo estar inserido no conflito entre a “tradição”, o sincretismo religioso e os valores ocidentais “modernos”.

De acordo com o trabalho de Taibo (2012), o lobolo é caracterizado hoje por sua diversidade e variação, transitando em perspectivas novas, adoptadas mediante as outras práticas culturais presentes na sociedade moçambicana e as antigas, consideradas como fundamentais em uma cerimónia, que devem ser respeitadas.

Na óptica de Granjo (2006) o lobolo deve ser definido como sendo uma prática que nos permite compreender e salientar de que forma as representações tradicionais subjacentes a ele podem ser apropriadas para resolver preocupações conjugais marcadamente inovadoras. Portanto, nos permite de igual modo, compreender de que forma se joga nela a significação de todas as partes envolvidas, num quadro em que o acesso aos antepassados e o controle sobre os descendentes é manipulável em função de interesses e igualdade de estatutos.

Lobolo como uma forma pela qual a união entre um homem e uma mulher é socialmente reconhecida (Malinowski, 1975). Por seu turno, Junod (1974) vê o lobolo como troca entre as unidades colectivas que compõem um clã. Uma unidade adquire novo membro (mulher) e a unidade doadora exige a recomposição através de uma compensação que lhe permita adquirir outra mulher.

Esta forma de legitimação do casamento tradicional é muito mais do que um costume antigo, ela é o símbolo da aceitação do apelido do marido para os futuros filhos. É também uma forma de introduzir os filhos junto aos antepassados da família, para que os mesmos sejam aceites e se estabeleça essa ponte de ligação dos novos membros com o sobrenatural.

O lobolo é tido como uma instituição sociocultural, faz parte da cultura. Neste contexto, Lima (1991), define cultura como um sistema simbólico de um grupo humano, que só poderá ser apreendido por outro grupo por meio de interpretação e não por mera descrição. Não fugindo muito, Malinowski (1975:76), define cultura como um sistema estrutural em que o eixo de tudo é a bipolaridade “natureza-cultura”, tendo como

campos privilegiados da sua concretização o mito, a arte, a língua e o parentesco. E, ainda, define-se cultura como um conjunto complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes e várias outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade (Taylor *apud* Lerma, 2009:45).

Neste contexto, Furaquim (2016) no âmbito conceptual, supõe que é necessário definir o lobolo buscando compreender de que forma ele foi instituído, mas também como foi modificando-se e, especialmente, a maneira como é encarado pela sociedade moçambicana nos dias que correm. O conceito de lobolo torna-se pertinente neste trabalho. Pois é parte de universo da cultura, é cultural, institucional, social e simbólico.

CAPÍTULO III: ASPECTOS METODOLÓGICOS

3.1. Método de abordagem

Como orientação metodológica para a elaboração do presente trabalho de pesquisa adoptamos pela *metodologia de abordagem qualitativa*, e de modo a ter uma revisão de literatura que aborda a temática relacionada com as representações sociais da figura de *Mukuaxi*, e as metodologias de sustentabilidade entre homens que são atribuídos a essa figura e os seus familiares, tomamos em consideração também documentos institucionais e de outras ciências sociais que ajudaram a desenvolver o pensamento científico em relação a temática em análise.

3.2. Método, Técnicas e Instrumentos de recolha de dados

Na óptica De Almeida & Silvino (2010) a pesquisa qualitativa ocupa no espaço académico a possibilidade de estudar situações que envolvem seres humanos e suas relações sociais em diversos ambientes, razão pela qual foi adoptada neste estudo.

Abordam-se questões que dizem respeito à forma como as representações sociais, a cultura, particularmente, normas e valores, assim como outros elementos contextuais influenciam a experiência das pessoas. No *método qualitativo*, o pesquisador é considerado o principal instrumento e tem a flexibilidade de decidir quando e como colectar os dados (Da Silva et Al, 2009).

A pertinência do *método qualitativo* no presente estudo é justificada por Richardson (2008), que afirma que este método permite ao pesquisador aprofundar o universo simbólico do objecto estudado e permite captar sentidos e valores que cercam o objecto de estudo. De igual modo, para o autor supracitado, a pesquisa qualitativa possibilita vislumbrar com substância a parte do social não captável e perceptível por meio de inferências estatísticas.

As *entrevistas semi-estruturadas* têm a função de revelar determinados aspectos do fenómeno estudado em que o pesquisador não teria espontaneamente pensado por si mesmo, e assim, completar as pistas do trabalho. Contudo, as *entrevistas semi-estruturadas* devem decorrer de uma forma muito aberta e flexível e que o investigador

deve evitar fazer perguntas demasiado numerosas e demasiado precisas (Quivy & Compenhoudt, 1992).

No decorrer do estudo, recorreremos à *observação directa* e a *entrevistas semi-estruturadas*. Durante a pesquisa exploratória nos auxiliamos pelo “Diário de Campo” onde anotamos a informação que resultou das conversas informais com os participantes da pesquisa. As entrevistas tiveram uma duração de 30 minutos e, foram administradas de forma individual, de modo a permitir que os participantes se sentissem confortáveis e livres de expor as suas ideias em relação ao assunto abordado.

A pesquisa obedeceu três etapas: a revisão da literatura, a recolha de dados etnográficos no terreno e a análise dos mesmos dados. Na primeira fase de pesquisa recolhemos a informação sobre o assunto em análise, junto às bibliotecas Brazão Mazula, do Departamento de Sociologia, DAA e do CEA. Pesquisamos também relatórios, artigos e teses na internet concernentes à temática das dinâmicas das representações sociais da figura de Mukuaxi no contexto da não prática do lobolo. Na segunda etapa fizemos uma pesquisa exploratória no Distrito de Marracuene em Maputo na qual estabelecemos contacto directo com os participantes.

Trabalhamos com 20 (vinte) participantes com idades diferenciadas, cujos níveis de escolaridade dos participantes eram variados. Antes da efectivação das entrevistas, os participantes foram informados que o estudo não era de carácter lucrativo, e para preservar as identidades dos participantes usamos nomes fictícios.

3.3. População e amostra

O estudo foi composto por homens atribuídos a figura de Mukuaxi pelo facto de não terem lobolado, e indivíduos que vivem e convivem com os mesmos. Mas este estudo privilegia mais os homens atribuídos a figura de *Mukuaxi*, na qual apresentaram-se várias interpretações pelo facto de serem atribuídos esta figura. Essas interpretações são também extensas aos indivíduos que vivem e convivem com os mesmos, bem como as repercussões sociais que recaem sobre as mulheres pelo facto de serem discriminadas e rejeitadas socialmente por não terem sido loboladas e, isso nos possibilitou solicitar e identificar as entrevistas ao longo do primeiro contacto que tivemos com os informantes-chave.

3.3.1. Quanto ao tipo de amostragem

Sendo uma estudo de carácter qualitativo, preconizamos a amostragem não probabilística, visto que se adequa a esse tipo de abordagem, visto que não é um estudo com objectivo de estabelecer inferências estatísticas, para a representatividade total, mas sim, analisar uma realidade que seja significativa a um certo grupo social, por isso, não houve necessidade de se conhecer o universo amostral dos participantes da pesquisa porque nem todos tiveram a mesma possibilidade de fazer parte da nossa amostra. Os entrevistados foram seleccionados por intencionalidade, isto é, dos homens atribuídos a figura de Mukuaxi e os indivíduos que vivem e convivem com os mesmos.

3.3.2 Quanto à amostragem

Lakatos & Marconi (2001) afirmam que a amostra intencional / convencional consiste em usar um determinado critério e escolher intencionalmente um grupo de elementos que irão compor a amostra. O investigador selecciona os grupos da população dos quais deseja saber as suas características típicas desejadas.

Quivy & Compenhoudt (1992), elucidam que observar em ciências sociais significa recolher apenas dados úteis para verificação dos objectivos, o que se pretende concretizar neste projecto de pesquisa. As observações e entrevistas serão efectuadas em bairros diferentes nos períodos de manhã e de noite. Durante o trabalho de campo serão realizadas 20 entrevistas semi-estruturadas e teremos como grupos-alvo homens atribuídos a figura de Mukuaxi e os seus familiares e circunvizinhos.

Assim, o nosso critério de selecção foi o estabelecimento de concepções em termos do contexto da não prática de lobolo. Foram entrevistados no total, vinte (20) pessoas, de sexo, idade e nível de escolaridade diferenciados (os homens atribuídos a figura de Mukuaxi, os indivíduos que vivem e convivem com os mesmos respectivamente).

3.4. Perfil sócio - demográfico dos participantes da pesquisa

Nesta parte de trabalho, propusemo-nos a apresentar o perfil sócio - demográfico dos participantes da pesquisa. Para tornar possível a realização desta pesquisa trabalhamos

com um total de 20 entrevistados que se encontram a residir maritalmente na condição de *Mukuaxi* e, sem terem passado pela realização do lobolo, dos quais, 16 são do sexo masculino e 4 são do sexo feminino. Os entrevistados tem idades compreendidas dos 25 a 78 anos. No decorrer desta pesquisa, os participantes eram residentes nos bairros de Marracuene, Bairro 3 de Fevereiro, Agostinho Neto e Pussulane, na Província de Maputo. Todos os nossos entrevistados até o momento da realização desta pesquisa viviam maritalmente, ou seja, não haviam passado pela prática do lobolo, que é umas das formas de casamento tradicional reconhecido em Moçambique, o que concorre para atribuição da figura de *Mukuaxi*.

Os níveis de escolaridades que os entrevistados possuíam foram, Ensino geral, Médio, Médio técnico e Licenciatura. Até ao momento da realização desta pesquisa, as ocupações dos entrevistados circundavam nos seguintes moldes, carpinteiro, comerciante, motorista, professor, agricultor, trabalhadora, mecânico, aposentado, chefe de 10 casas, funcionário, funcionário, estudante, trabalhador, estudante, trabalhador, contabilista, negociante, estudante.

A tabela em anexo, apresenta de forma sintética como os dados que descrevemos acima estão distribuídos entre os jovens e adultos que entrevistámos.

Com base no levantamento do perfil sócio-demográfico, podemos constatar que todos os participantes desta pesquisa possuem um certo nível de escolaridade, embora seja de forma diferenciada, sendo os níveis, mínimo, médio e superior.

De um modo geral, foi possível arreferir que a maior parte dos entrevistados já passou pela conotação de *Mukuaxi* pelo facto viver um tempo considerável juntos maritalmente, sem ter passado pela realização do lobolo e alguns já têm filhos, isto é, constituem uma família nuclear.

Nome	Sexo	Idade	Nível de escolaridade	Estado Civil	Ocupação	Residência
João	Masculino	42 anos	12ª Classe	Solteiro	Carpinteiro	Marracuene
Joana	Feminino	39 anos	10ª Classe	Casada	Comerciante	Marracuene
France	Masculino	32 anos	9ª Classe	Solteiro	Motorista	Marracuene
Abílio	Masculino	37 anos	Superior	Solteiro	Professor	Marracuene
Samuel	Masculino	47	Médio	47 anos	Canalizador	Marracuene

		anos				
Jacinto	Masculino	28 anos	Superior	Solteiro	Professor	Marracuene
Arnaldo	Masculino	52 anos	Medio prof.	Casado	Agricultor	Marracuene
Ana	Feminino	44 anos	12ª Classe	Casada	Trabalhadora	Marracuene
Santos	Masculino	40 anos	10ª Classe	Solteiro	Mecânico	Marracuene
Tchauque	Masculino	78 anos	6ª Classe	Casado	Aposentado	Marracuene
Sr. Victor	Masculino	68 anos	7ª classe	Casado	Chefe 10 casas	Marracuene
Naldo	Masculino	29 anos	Superior	Solteiro	Funcionário	Marracuene
Eusébio	Masculino	34 anos	Médio	Solteiro	Funcionário	Marracuene
Filipe	Masculino	43 anos	12ª Classe	Solteiro	Estudante	B. 3 de Fev.
Pedro	Masculino	28 anos	1º grau n. sup	Solteiro	Trabalhador	Agostinho neto
Eugénio	Masculino	26 anos	Médio	Solteiro	Estudante	Marracuene
Ariel	Masculino	45 anos	Superior	Casado	Trabalhador	Marracuene
Amilcar	Masculino	39 anos	Tecn. Médio	Solteiro	Contabilista	B. 3 de Fev.
Teresa	Feminino	38 anos	10ª Classe	Casada	Negociante	Marracuene
Aida	Feminino	25 anos	Licenciatura	Solteira	Estudante	Pussulane

Tabela 1: Representa o perfil social, académico e profissional dos participantes-chave.

3.5. Constrangimentos e Superação

O primeiro constrangimento no âmbito da elaboração do presente estudo, foi o facto de escassez da literatura sociológica que aborda a temática do lobolo, e para tal tivemos que nos socorrer da literatura de cariz antropológico.

O segundo constrangimento, foi encontrado no campo no âmbito da recolha da informação para a efetivação deste trabalho. Alguns participantes não responderam condignamente as questões preconizadas no nosso guião de entrevista, visto que, os

mesmos esquivavam da assunção e aceitação da condição social de *Mukwaxi*. Não querendo assumir uma posição antropocêntrica no campo, tive que adoptar uma nova postura na qual perguntava apenas sobre a não prática do lobolo.

3.6. Questões Éticas

Na realização desta pesquisa tomamos em conta as questões éticas de pesquisa, ou seja, respeitamos todos os pressupostos básicos recomendados para investigação em ciências sociais, como por exemplo despir-se de todos os valores em pré-noções que se tem em relação a um determinado assunto.

Em relação a parte metodológica, na relação pesquisador e pesquisado, ou seja, na recolha de dados, respeitamos e garantimos os direitos dos participantes no trabalho de investigação, manter o consentimento informado aos participantes sobre todos os aspectos da investigação, sobre a natureza do estudo e que se pretende, o fim e a duração da pesquisa e os resultados obtidos.

Em suma, nesta pesquisa, pautamos pela imparcialidade e neutralidade científica de modo que não nos deparássemos com situações de constrangimentos ou emissão de juízos de valor por parte do pesquisador, comprometendo assim a validade dos resultados. As entrevistas foram feitas em locais onde os entrevistados se sentiram seguros.

CAPÍTULOIV: APRESENTAÇÃO DE ANÁLISE DE DADOS

4.1. Sobre Área de estudo

A área de estudo, como já foi salientada no início do trabalho, foi o Distrito de Marracuene, distrito este que é atravessado no sentido Norte-Sul ao longo de uma extensa planície aluvionar, pelo Rio Incomate que vai desaguar no Oceano Índico, no Delta de Macaneta.

4.1.1 Sobre Localização Geográfica e Aspectos Histórico-Culturais

Segundo Nhavotso (2013) o Distrito de Marracuene situa-se a leste da Província de Maputo entre os paralelos 25°15' e 26°00' de Latitude Sul e 32°30' e 33°00' de Longitude Este. É limitado a Norte pelo Distrito de Manhiça, a Sul pela Cidade de Maputo, a Este pelo Oceano Índico e a Oeste pelo Distrito de Moamba e Cidade de Matola. Administrativamente, o Distrito de Marracuene encontra-se dividido em dois postos administrativos nomeadamente, Marracuene e Machubo.

A população originária do distrito de Marracuene é considerada Varhonga, sendo os Honwana e os Mahlanguana tidos como os primeiros clãs da região. Comparando com outros distritos da Província de Maputo, Marracuene apresenta uma homogeneidade linguística significativa. O dialecto Varhonga é falado pela maioria da população, com pequenas variações nas zonas, limítrofes com a Manhiça, onde se fala Xikalanga, um dialecto Ronga (MAE, 2005).

A designação original desta região é Murakwene em memória a um indivíduo muito conhecido proprietário de embarcações de passageiros que fazia a travessia entre o continente e a região de Macaneta, que trabalhava para o chefe local “*Hosi*”⁵, passando a constituir ponto de referência para a localização da região. O Distrito de Marracuene é um local histórico, onde se desencadeou, nos finais do século XIX, um dos maiores combates da época, integrado na chamada “guerra de pacificação” entre as tropas portuguesas os nacionalistas. Em 1886/87houve um primeiro reconhecimento executado

⁵“*Hosi*” é um termo localmente instituído na cultura Ronga que quer dizer chefe. Segundo MAE (2005), este termo provem a partir da designação original desta região que é *Murakwene* em memória a um indivíduo muito conhecido, proprietário de embarcações de passageiros que fazia a travessia entre o continente e a região de Macaneta.

pelas tropas portuguesas, que se deparou com grande resistência da parte da população local (Nhavotso, 2011).

4.2. Representações sobre a atribuição da figura de *Mukuaxi*

Entramos neste tópico de trabalho em que analisamos e interpretamos os dados referentes as representações sociais da atribuição da figura de *Mukuaxi* no contexto da não prática do lobolo. Dos dados colhidos foi possível identificar duas representações sociais da atribuição da figura de *Mukuaxi* nomeadamente: Do sentido capitalista do lobolo à atribuição da figura de *Mukuaxi* e a Decadência do significado Lobolo. Os dados obtidos no campo mostram que os entrevistados possuem um certo conhecimento em relação a aos factores que condicionam a atribuição da figura de *Mukuaxi*.

4.2.1. Do sentido capitalista do lobolo à atribuição da figura de *Mukuaxi*

Para os homens, sobretudo os atribuídos ou não a figura de *Mukuaxi* por não ter praticado o lobolo alegam a *falta de condições financeiras e materiais* como transparece das afirmações seguintes:

A partir dos depoimentos abaixo citados, é possível perceber que o lobolo ganha contornos capitalistas a partir da segunda metade do século XIX (1890), quando se celebrou um acordo entre Moçambique e África do Sul para se albergar naquele país a mão-de-obra moçambicana no trabalho das minas e receber em troca, o dinheiro. Com este dinheiro, para mostrar a supremacia masculina e, também, para demonstrar o grau de poder no que diz respeito ao sustento de uma mulher, tinha que pagar um valor à família da noiva (Honwana, 2002). Estes pressupostos apresentados por Alcinda Honwana (2002) tornam se pertinentes para a análise dos dados presentes no seguinte trabalho aprimorando os factores de cariz financeiro e material que concorrem para a não prática do lobolo conforme pode transparecer no depoimento a seguir:

“Eu não lobei por falta de condições financeiras [...] por essa razão sou visto hoje como Mukuaxi porque ainda não lobei, o pior de tudo é que na sociedade em que estamos para lobolar tens que ter dinheiro diferentemente dos tempos passados quando os nossos pais pagavam com gado e outros objectos” (João, 42 anos). *“Eu nunca tive*

esta conotação, mas, à luz da tradição de certos grupos étnicos, é tido como tal, todo o indivíduo que não tenha providenciado lobolo à sua esposa ou namorada, por exemplo eu gosto da minha esposa, mas ainda não loboiei porque me falta dinheiro para tal, assim que eu conseguir irei lobolar para um dia não cair no risco de ser conotado de Mukuaxi (Filipe, 43 nos).

Todavia, o lobolo era uma forma de agradecer a família da esposa, a honra dada ao rapaz e, além de ser uma forma de informar aos espíritos dos antepassados que a jovem ia sair de casa paterna e, ainda, como uma prova de que o pretendente está suficientemente preparado para prestar cuidados à sua noiva.

Com a dinâmica económica, social, cultural e política, os valores cobrados pela família da noiva iam crescendo, variando de lugar, nível económico das famílias, grau de formação da mulher pretendida, entre outros factores.

Olhando para os factores da atribuição da figura de Mukuaxi, onde os homens são atribuídos pela não prática do mesmo, os homens se olham como vítimas, em que não reúnem condições financeiras e materiais para o praticar. Este pensamento, pode estar ligado ao facto de que, no contexto colonial o lobolo podia ser pago em outros bens, como gado e outros objectos.

Por exemplo, quando se estabeleceu a relação com os portugueses e com a mudança dos sistemas de valores materiais, o pagamento poderia ser efectuado com grande gado, anéis de ferro, possíveis de serem obtidos por trocas, o que demonstra a interferência do lobolo também na economia, como explica Junod (1996). Os bois, ou outro tipo de gado, também foram muito presentes para a troca. Com a diminuição destes, já ao final do século XIX, como Junod aponta, sendo causada por guerras com os Zulu, as enxadas e as contas ganharam grande espaço na cerimónia (Junod, 1996).

Facto que hoje em dia engloba questões financeiras. Pois, posteriormente, as enxadas foram substituídas pela libra esterlina. Já na contemporaneidade, o que nos interessa neste trabalho, vemos que entre os presentes oferecidos pela família do noivo, existe a oferta de dinheiro para o lobolo em substituição de outros objectos de troca que antigamente eram usados.

Contudo, esta prática permaneceu a referência na determinação do valor a ser dado ao lobolo. Durante o período colonial, o governo português mostrou um interesse particular

pelo mesmo. Assim, as autoridades coloniais estabeleceram um valor a ser pago pelo lobolo para o controle dos movimentos de gado.

4.2.2. Decadência do significado e do valor do lobolo

Portanto, as representações que se fazem sobre a não prática do lobolo, e consequentemente a atribuição da figura de *Mukuaxi*, são vistas num quadro em que a falta de dinheiro para a sua prática e que por sua vez, pode incorrer a problemas socio-familiares, incluindo doenças, falta de sorte e outros infortúnios.

Por exemplo, *Joana Augusto de 39 anos*, transpareceu o seguinte:

“O que sei é que, os homens de hoje, não são sérios, os que fazem o lobolo são muito poucos [...] bastou fazer uma apresentação de nada e daí, não se importa mais com o lobolo mesmo lhe pressionando, por isso que a família e sobre tudo as crianças sofrem” (Joana Augusto, 39 anos).

Desta maneira, o lobolo serve de mecanismo protector da mulher e dos seus filhos, para evitar infortúnios como o surgimento de doenças, falta de sorte e outros males sociais. A mulher lobolada e com filhos, em caso da morte do marido, passa a ser um encargo da povoação onde vive, isto é, sente-se protegida e para ela, a situação do lobolo é um amparo nas contingências da vida porque promove harmonia e bem-estar sociofamiliar (Cipire, 1996:60).

Alguns participantes mostraram ter conhecimento desta prática e da sua importância, sabem que o lobolo é uma instituição social, legítima e traz a manutenção e reprodução da ordem social como a literatura explica neste trabalho na sua pertinência e produzidas no contexto de uma abordagem sociológica contemporânea.

Por exemplo, *France Carlos de 32 anos*, fez transparecer o seguinte:

“Para mim como ainda não lobelei, na minha zona, chamam-me de Mukuaxi [...] esse nome não me é novo, mesmo quando ainda era criança, ouvia os vizinhos e amigos do meu tio a lhe chamarem desse nome, mas que fazer é nossa cultura e somos chamados assim pelo facto de não termos lobolado” (France Carlos, 32 anos).

“Para mim o lobolo perdeu seu valor a ser aprimorado como prática sociocultural e tradicionalmente instituída nas sociedades Tsongas do sul de Moçambique. Esta perda de valores a serem aprimorados devem se também a preceitos éticos e sociais aceites na sociedade e sobretudo, o lobolo deve ser visto como algo tradicional e historicamente marcado...acima de tudo é tradicional sim porque se não o praticamos corremos risco de sofrer muitos infortúnios associados a doenças, falta de sorte, paz e harmonia social” (Jacinto, 28 anos).

Portanto, os depoimentos a cima supracitados remetem-nos a importância de dar ou resgatar, aprimorar, valorizar e iluminar os valores socialmente marcados pelos preceitos culturais e tradicionais como analisa Alcinda Honwana (2002:23-24), deste modo, retrata-se muitas vezes a tradição como hostil à mudança. Como Boyer (1990) citado por Honwana (2002) defendeu, é frequente assumir-se que as sociedades tradicionais são conservadoras ao ponto de excluírem a mudança, interpretando-a como ameaça à ordem social.

O trabalho de Buhrmann (1984), por exemplo, projecta uma imagem do povo Xhosa como sendo tradicional e, assim, «principalmente intuitivo, não racional ou orientado para o mundo interior dos símbolos e imagens» por oposição ao «mundo ocidental que é fundamentalmente científico, racional e virado para o ego», consequentemente moderno.

“Para mim muitos jovens desprezam o lobolo, outros dizem que é para ser assumido pelos kotas⁶...por mim não tínhamos que desprezar mas sim olhar a maneira como hoje esta a ser feito, parece que é uma cena moderna” (Naldo, 29 anos).

Deste modo, a modernidade é, portanto, definida como variável, dinâmica, científica, racional e ocidental. Os valores modernos são, muitas vezes, equiparados a valores «ocidentais» e vistos como processos interactivos de desenvolvimento económico e mudança sociocultural, associando-se os valores tradicionais a sociedades não

⁶ Kotas é um termo geralmente usado pelos jovens de forma informal ou marginal para designar a uma figura com um estatuto de pai ou mãe. Este termo foi extraído das declarações de um dois nossos informantes-chave ao afirmar que a prática de lobolo tem sido de forma recorrente ignorada pela maior parte da juventude e o seu papel primordial é assegurado pelos referidos Kotas conforme explicamos nesta nota de rodapé.

ocidentais e estáticas. Nesta oposição binária entre tradição e modernidade, moderno é um termo a que se confere tanto um valor analítico como um estatuto universal.

O termo tradição é considerado como residual, sobretudo à luz do seu oposto, a modernidade (Mamdani, 1996; *apud/in:* Honwana, 2002). Estudos recentes têm vindo a argumentar que as tradições nunca foram estáticas e são de natureza dinâmica e adaptável. Nenhuma tradição pode afirmar-se como uma réplica exacta de uma prática anterior, porque as tradições são criadas e recriadas através de um processo histórico. Hobsbawm e Ranger (1983), ambos citados por Honwana (2002:24) sugeriram a noção de «invenção da tradição». Segundo eles, uma «tradição inventada» é um conjunto de práticas, normalmente dirigidas por normas abertas ou tacitamente aceites e de natureza simbólica, que procura inculcar certos valores e normas de comportamento e que automaticamente implica continuidade com um passado histórico adequado.

4.3. A persistência do lobolo ao longo do tempo

A prática do lobolo têm-se mostrado resistente, embora tenha sofrido algumas modificações na maneira como o mesmo é feito dada as circunstâncias e as dinâmicas do modo de vida. Nesta parte do trabalho discutimos de forma detalhada, com base na análise e interpretação de dados como esta prática cultural vem se modificando. Dividimos este tópico em duas categorias: Sobre o pré-conhecimento da prática do lobolo e o poder de decisão do homem e O papel da religião, modernização e requalificação do lobolo.

4.3.1. O pré-conhecimento da prática do lobolo e o poder de decisão do homem

Há um *pré-conhecimento* da importância desta prática sociocultural, assumindo a categorização de *Mukuaxi*, visto que, produz-se dentro do nosso próprio contexto sociocultural. Mas alguns participantes acreditam na ideia de que a não prática de lobolo não está alheia a *falta de condições financeiras* e nem do *pré-conhecimento* do mesmo como parte do nosso universo cultural. Alguns apontam sobretudo na *falta de preparação* por parte dos homens associados ao *poder de decisão*, facto que, a não

prática do lobolo pode sujeitar a atribuição de categorias sociais com enfoque ao *Mukuaxi* como se exemplifica no depoimento a seguir:

“Para mim o que faz com que os homens não pratiquem o lobolo, é pelo facto dos mesmos não se sentirem preparados para assumir uma relação, muita das vezes, os homens é que decidem dentro da relação (Abílio, 37 anos).

Nesta óptica, sobressaem, portanto, papéis e identidades de género, onde alguns homens não praticam o lobolo, por supostamente pautarem pelo poder de decisão associado a falta de preparação e confiança por parte dos homens como se pode verificar no trecho a seguir:

“Eu ainda não lobei a minha esposa, por simplesmente não me sentir cem por cento preparado, confiante, e ainda estou com duvidas se o faço ou não” (Samuel, 47 anos).

Constata-se também a questão de *dúvida no amor* que os conjugues partilham, o que pode efectivamente conduzir a não prática do lobolo, e por consequência disso a atribuição da figura de *Mukuaxi* no contexto dos homens que não o praticam.

“No meu ver o Mukuaxi é com na nossa sociedade, em caso específico, a mim tem me chamado dessa forma porque ainda não lobei a minha amada...mesmo assim nós já vivemos juntos na casa própria e temos 1 filho, só me apresentei em casa dela, ainda não lobei, assim chamam-me de Mukuaxi na minha comunidade, mas isso não me dói tanto porque eu amo a minha amada e assim que reunir as condições irei lobolar” (Jacinto, 28 anos).

De salientar que a não prática de lobolo conjuga um gama de factores com destaque. Ao pré-conhecimento desta prática na qual a sua não prática é em algumas situações vista como normal, violando dessa forma os preceitos sociais pré-estabelecidos para a manutenção da ordem e legitimação das unidades familiares.

4.3.2. O papel da religião, modernização e requalificação do lobolo

As práticas religiosas, segundo os interlocutores não têm uma forte influência no lobolo devido a modernização e requalificação desta prática cultural. Portanto, a igreja não proíbe esta prática, mas sim, alguns rituais que ainda persistem em algumas famílias no

sul de Moçambique, como por exemplo, a invocação dos espíritos dos antepassados através do ritual “*Ku-phalha*”⁷, como se exemplifica no trecho a seguir:

“Na minha opinião a religião não influencia na questão do lobolo porque o lobolo, vêm de geração em geração, logo estamos diante de uma tradição⁸ e não religião [...] por sua vez algumas religiões estão contra a prática do lobolo e em algumas famílias fazem o lobolo sem mesmo saber, qual é a sua origem e o seu significado pelo cumprimento de apenas uma tradição, na verdade o que a igreja proíbe são algumas práticas que fazem no lobolo como invocar espíritos por exemplo” (Amílcar, 39 anos).

Num estudo realizado numa comunidade ucraniana, Tamanini (2010) analisa práticas religiosas como ritos de instituição, isto é, de reconhecimento e pré-conhecimento da união entre homem e mulher. O autor afirma que no seio da igreja o casamento ortodoxo é um meio de legitimar o *status* social do casal, separando-os de outras pessoas que se situam na situação de solteiros.

Nos casos nos quais se envereda pelo casamento religioso este desempenha uma função fundamental para a rede de relações que os casados estabelecem dentro da sociedade, uma vez que, confere-lhes uma nova posição legitimada religiosamente. Desta forma, o ritual de casamento funciona como elemento de legitimação e reforça a consciência colectiva que garante a reprodução da ordem de geração a geração diante da presença divina.

De referir que, as igrejas não estão contra esta prática, mas sim a persistência histórica de alguns rituais que são lá integrados. Desta maneira, assiste-se a uma modernização desta prática porque nos dias actuais algumas famílias ao invés de invocar espíritos dos antepassados, invocam o Deus Altíssimo. Embora outras famílias persistem em associar o lobolo com a invocação dos antepassados. Portanto, é desta maneira, um imaginário

⁷*Ku-phalha* é um termo usado para invocar espíritos dos antepassados. Esta pratica ou ritual confere a população que o faz resgatar a sorte perdida e evitar eventuais infortúnios e ocorrências de danos sociais, este termo carrega um valor tradicionalmente marcante dentro das sociedades Tsongas de sul de Moçambique.

⁸O termo *Tradição* é considerado como residual, sobretudo à luz do seu oposto, a modernidade (Mamdani, 1996; apud/in: Honwana, 2002). Estudos recentes têm vindo a argumentar que as tradições nunca foram estáticas e são de natureza dinâmica e adaptável.

cristão associado a Deus e lobolo em que hoje em dia para a solidificação e fortalecimento das relações conjugais se deve a modernização desta prática.

De um outro lado, o pré-conhecimento associa-se a falta de dinheiro para o praticar, embora havendo amor e um bom relacionamento no casal. Desta feita, transparece dessas ideias uma autêntica desvalorização desta prática cultural e tradicional na alegação de que se espera por uma eventual estabilidade financeira para a sua efectivação.

4.4. Percepções de homens e mulheres sobre a prática e não prática do lobolo

Nesta fase do trabalho tentamos de forma aprofundada captar aquilo são as percepções dos homens e mulheres sobre a prática e não prática do lobolo, onde foi possível constatar que ambos têm consciência do assunto abordado. Como forma de organizar as nossas ideias, dos dados colhidos foi possível identificar e construir as opiniões em duas vertentes sendo a primeira opinião dos homens e a segunda das mulheres: Desequilíbrio e instabilidade familiar e social, e O lobolo como garantia de prestígio e respeito na sociedade para a mulher.

4.4.1. Desequilíbrio e instabilidade familiar e social na opinião dos homens

A literatura analisada e os participantes apontam que o lobolo constitui uma forma de casamento muito importante e que a sua não prática remete na atribuição de categorias socialmente construídas, exemplo de *Mukuaxi* e associa se também ao surgimento de problemas familiares, infortúnios ligados a doenças e falta de sorte, como refere Cuna:

“O lobolo é uma forma de casamento muito importante na nossa comunidade [...] mas o grande problema, muitos homens não o fazem, e uma vez não feito, a família é que sofre, principalmente os filhos e muitas das vezes isto traz muitas doenças e problemas no seio da família [...] dum outro lado, quando não se faz o lobolo as crianças também sofrem futuramente por conta disso” (Cuna, 34).

Os participantes apontaram que a prática do lobolo, ou seja, o “*Bridewealth*,”⁹ nos estudos de Paulo Granjo (2004) é uma forma de casamento muito importante no sul de Moçambique. Portanto, a sua não prática incorre a atribuição da figura de *Mukwaxi* para o homem que ainda não o praticou. O depoimento a cima supracitado mostra que para além disso, isto pode trazer problemas e infortúnios no seio da família, bloqueando sobretudo e a sorte e prosperidade por parte das crianças e a sorte da mulher é posta em causa, como pode transparecer no seguinte depoimento:

“No meu entender, a não prática de lobolo por parte de nos homens pode resultar em coisas drásticas e amargas [...] quando um homem não lobola, isso traz sofrimento na família e a mulher e os filhos sofrem mais por esses acontecimentos” (Arnaldo, 52 anos).

Neste contexto, nota-se uma grande relevância e pertinência para a sua prática de modo evitar problemas sociais que podem advir a posterior pela não prática de lobolo. Para além disso outros depoimentos mostraram um sossego, que mesmo não o praticando não traria nenhuma consequência como se exemplifica no trecho a seguir:

“Penso que não tem impactos tão desastrosos além do facto de que a mim como homem, sabendo que vivo com uma mulher numa sociedade em que é exigido o lobolo para que o homem assim como a mulher recebam o prestígio que se dá para quem fez o lobolo” (Pedro, 28 anos).

De salientar que, a não prática do lobolo pode levar a discriminação e rejeição no seio da sociedade. Onde dum lado a mulher sente-se humilhada e excluída e para o homem lhe incorre a atribuição da figura de *Mukwaxi*.

Portanto, isto remete-nos a problemática de exclusão social, pelo facto de alguns comportamentos não pautar por aquilo que está socialmente estabelecido como regra para a convivência social.

“Eu em especial, tenho em consciência que se eu não lobolar isso pode trazer problemas graves no seio da família, das crianças, o trabalho e os negócios podem não

⁹*Bridewealth* é um termo traduzido na língua inglesa que significa, dote, lobolo ou sorte da noiva. Para Granjo (2004), a mulher que ainda não atingiu o *Bridewealth* é passível de ser incluída a situações de estigma e discriminação e não é socialmente legitimada entre as mulheres do sul de Moçambique.

andar porque não lobei, mas em fim, se não fazermos lobolo fazemos sofrer nos mesmos, nossas mulheres, nossos filhos e os demais familiares, e também há falta de paz com os defuntos, pois, estão em comunicação conosco através de rituais, razão pela qual há uma necessidade urgente de o praticar” (Sr. Victor, 68 anos).

Como resultado da não prática do lobolo os depoimentos invocam a questão do surgimento de doenças, má sorte, falta de paz e harmonia com os espíritos dos antepassados facto que, pode conduzir a desequilíbrio e instabilidade familiar e social.

Alguns depoimentos apontam para sinceridade e consciência no âmbito da esta prática ao passo que alguns caem na vergonha como transparece a seguir nos depoimentos de Naldo de 29 anos:

“O que resulta dessa atribuição é o facto de ser conhecido em casa da namorada e não ter ainda lobolado ou ter casado. Já fui chamado de Mukuaxi sim...senti-me triste, pois, não há respeito e consideração necessária da parte da família materna e mesmo paterna, sinto-me como um filho adulto e que mesmo assim os pais ainda querem controlar como se fosse uma criança. Vergonha e falta de consideração. A família própria do homem não olha como um bom senso que a mulher durma em casa do namorado ou futuro esposo” (Naldo, 29 anos).

Outros depoimentos reflectiram a questão da desaceitação familiar, pelo facto de não ter ainda cumprido com este casamento tradicional, facto este, que se reflecte em vergonha por parte do homem que ainda não passou por este preceito tradicional que designadamente é tido categoricamente como *Mukuaxi*.

“Naturalmente que as principais consequências são de ordem moral, na medida em que podem implicar na vida familiar, onde qualquer desarmonia pode ser atribuída à falta do lobolo” (Filipe, 43 nos).

Como resultado de não cumprimento deste preceito cultural e tradicional, pode também se por em causa a questão da moralidade e da ética o que pode também criar uma desarmonia com a família incluindo vivos e mortos como alguns depoimentos documenta-nos neste estudo. Portanto, numa sociedade se estabelecem regras e formas de convivência com destaque para o lobolo que deve ser visto como instituição social

que engloba normas, valores, moralidade e formas de convivência social na qual o lobolo não se separa enquanto prática e instituição social.

4.4.2. O lobolo como garantia de prestígio e respeito na sociedade para a mulher

O lobolo concede à mulher uma identidade de mulher merecedora de respeito dentro da sociedade e, quando não era lobolada, era estigmatizada apresentando uma identidade deteriorada. Esta forma de construir o lobolo faz com que a mesma seja institucionalizada como um imperativo social cuja coercividade se manifesta no sentido positivo por meio do reconhecimento, e no negativo, da estigmatização, como ilustra o depoimento abaixo:

“Eu sinto-me rejeitada e discriminada na família e na sociedade [...] o pior ainda não fui lobolada, isso faz-me sentir muito mal, sinto me excluída” (Ana, 44 anos).

“Sabe...para evitar sofrimento e atribuição de normas estranhas como o Mukuaxi, deve se cumprir com o lobolo, pois, embora sendo difícil, é a maneira de resolver problemas da família no geral, mesmo a mulher em si não se sente mais discriminada no meio social onde convive” (Ana, 44 anos).

A consciência colectiva, por mais generalizada que esteja, está sujeita a mudanças. Santana (2009) afirma que as festividades associadas ao lobolo tendem a perder espaço na sociedade moçambicana, tornando-se apenas numa forma de a família da mulher conseguir angariar lucro com a saída da filha. Isto torna as condições socioeconómicas muito importante para a realização do lobolo. Esta dimensão lucrativa do lobolo divide opiniões.

“Em casa, minha mãe dizia que eu tinha de ser lobolada e como gostaria que fosse. Bom, algumas amigas, elas diziam que quando tu encontras um parceiro que já é para...quando começam a namorar, já estão numa fase de namoro para já ter um compromisso com o seu parceiro, tem que coordenar os dois que vão lobolar ou apresentar. Isso depende da decisão dos dois. Se o homem vai custear as despesas ou não.” (Aida, 25 anos).

“Como qualquer outra mulher, até que eu gostaria de ter realizado lobolo. Não posso dizer que foram as circunstâncias. Na verdade, era medo que eu tinha do meu pai porque até que meu namorado queria. Mas meu pai sempre falava, casar só depois de se formar e trabalhar para me libertarem, quem brincar de casar não conta mais comigo. Logo, eu vi que ele não haveria de aceitar porque eu ainda estava a estudar. Lembro que já tinha mandado embora namoradas dos meus irmãos, imagina o que faria comigo, mandar-me-ia embora logo que eu começasse a falar de ser lobolada” (Joana, 39 anos).

Os entrevistados revelam possuir não somente uma ideia sobre o lobolo, mas também alguns detalhes referentes às suas componentes e aos procedimentos a serem seguidos para a sua realização. Alguns dos aspectos que identificamos nos depoimentos acima estão presentes na definição que operacionalizámos do lobolo neste trabalho tais como sua função de legitimação da passagem da mulher para a casa do homem; o homem é que realiza o lobolo junto da esposa e da família desta; a necessidade do dinheiro na qualidade de requisito indispensável exigido pela família da mulher ao homem. Portanto, esta representação social sobre a não prática do lobolo constitui problema central, uma vez que procuramos captar teoricamente tais representações para o entendimento da realidade social em discussão neste trabalho.

“Para mim, sinto me discriminada na sociedade ... tanto na minha família assim como a família do meu marido. O facto de ainda não ter sido lobolada faz com que eu me sinta uma infiltrada na família do meu futuro marido, facto que pode ser evitado bastou ele tomar decisão de lobolar. Em caso de houver algum problema, a família do marido não se responsabiliza porque praticamente eu ainda não faço parte daquela família” (Lina, 33 anos).

Desta forma, o posicionamento que assume autora do último depoimento acima mostra que tem como base valores diferentes dos que sustentam à funcionalidade da realização do lobolo, no entanto existe uma abertura para o cumprimento dessa prática tradicional mesmo que não se partilhe a sua relevância. Esta observação é razão para que nos associemos a Massume (2009) quando afirma que a relação que indivíduos estabelecem com a prática do lobolo revela uma tendência à constituição de uma consciência colectiva, visto que, interpretam e reconstróem as representações sociais.

Desta forma, levantando uma perspectiva que procura diferenciar-se da Psicologia e do holismo excessivo da sociologia Durkheimiana, Moscovici (1961) desenvolveu uma teoria que buscou compreender e interpretar as proposições e explicações criadas na vida quotidiana, no curso da comunicação individual e sobretudo os processos sociocognitivos através dos quais os indivíduos inseridos em diferentes contextos sociais produzem e interpretam ideias sobre a realidade.

A preocupação central de Moscovici (1961) era captar os processos através dos quais os indivíduos em interacção social da vida quotidiana constroem Representações sociais da não prática do lobolo teorias sobre os objectos sociais que tornam viáveis a comunicação e a organização dos comportamentos sociais.

A questão da prática ou não do lobolo remete nos para o reconhecimento da sua natureza cosmológica e tradicional dos ditames sociais e culturalmente instituídos na sociedade tsonga do sul de Moçambique. Vem ocorrendo e ocorre sem dúvidas, embora a sua modernização e banalização dos valores nele subjacente como transparece no seguinte depoimento:

“Para mim essa coisa de lobolo deve ser visto como importante, principalmente para nós mulheres como pilares e segurança do lar o que por sua vez confere segurança na vida conjugal e no futuro dos filhos. Por exemplo aqui na minha zona de Memo muitas mulheres que ainda não foram loboladas devem se muito mais pela má sorte no casamento e muitas de demónios e espíritos maus que não facilitam para que sejam loboladas” (Aida, 25 anos).

O aparelho cosmológico subjacente à possessão pelos espíritos no sul de Moçambique foi afectado por vários factores sociais, como a emigração Nguni para o sul de Moçambique no século XIX, o processo de colonização e a conversão ao Cristianismo, os conflitos pós-coloniais gerados pela opção marxista da Frelimo e a guerra da Renamo para restaurar a tradição. Em todos estes períodos, a possessão pelos espíritos e os fenómenos afins ganharam formas com configurações novas. A possessão pelos espíritos também teve que se reconstituir e recriar novas identidades face às mudanças registadas na conjuntura social, política e económica vigente (Honwana, 2002:26).

Portanto, a representação social para permitir a análise de dados presentes neste trabalho, com enfoque a visão do mundo e percepção das mulheres sobre o lobolo para

da assunção de que Moscovici fala, que é social na medida em que abrange a uma colectividade, e nos ajuda a desvendar mistérios que estão em torno da não prática do lobolo, se encontra ligada a uma estrutura social determinada e definida, e resulta da actividade cognitiva e simbólica de um determinado grupo social cujos membros se encontram em interacção consigo mesmos e com os objectos com que se deparam na vida quotidiana. A representação social neste trabalho enquanto alicerce e suporte teórico exprime uma relação entre o sujeito e o objecto onde, o sujeito constrói símbolos e significados do objecto (Moscovici, 1961).

4.5. Formas de dissolução da figura de *Mukuaxi*: Da prática do lobolo à afirmação de uma nova identidade

Os participantes da pesquisa mostram a importância de se praticar o lobolo para dar fim a atribuição da categoria de *Mukuaxi* como categoria construída e alívio da parte da mulher e da família no geral, mostrou-se a importância de se fazer o lobolo o que para alguns não é tarefa fácil devido as dificuldades de carácter financeiro que para tal, há uma necessidade de se apertar o cinto como transparece nos depoimentos a seguir:

“Olha moça... a única maneira do homem deixar de ser chamado de Mukuaxi que parece provocação é lobolando a sua mulher, mas não é fácil hoje em dia não há dinheiro e as coisas estão muito caras, mas juntando pouco a pouco pode vir a acontecer e ultrapassar esta barreira, para o bem da família no geral, acabando com o nome de Mukuaxi e fico bem conhecido na família da minha noiva” (Santos, 40 anos).

A maior parte dos entrevistados mostrou se unânime no aprimoramento da ideia de que, deve se realizar esta prática, como se exemplifica a seguir:

“Sabe...para evitar sofrimento e atribuição de normas estranhas como o Mukuaxi, deve se cumprir com o lobolo, pois, embora sendo difícil, é a maneira de resolver problemas da família no geral, mesmo a mulher em si não se sente mais discriminada no meio social onde convive” (Ana, 44 anos).

Para dar face a este cenário que coloca as finanças como principal problema para a não prática do lobolo, alguns depoimentos mostraram que uma vez o homem tendo essas dificuldades pode como opção negociar com a sua mulher para influenciar a sua família a baixar o preço do lobolo como se exemplifica a seguir:

“Para deixar de ser Mukuaxi aqui na minha comunidade, o homem tem de lobolar, não é fácil, as vezes alguns homens têm vergonha de pedir ajuda [...] por exemplo eu falei com os meus familiares e a minha própria esposa para dar ajuda de custo, para fazer lobolo e se livrar do Mukuaxi, as vezes nos homens temos de falar com nossas esposas para poder influenciar o preço nas suas casas [...] influenciar a família dela para baixar o preço de lobolo” (Vovó Tchaúque, 78 anos).

Portanto, há questões éticas e morais que estão por detrás da não prática do lobolo e que os mesmos preceitos éticos e morais estão subscritos no processo de preparação e prática de lobolo. Embora esta prática nos dias actuais os seus valores tradicionais e morais tendem a cair em desuso, portanto, os preceitos éticos e morais são postos em tónica como se exemplifica a seguir:

“Na nossa sociedade o homem é obrigado por questões éticas sociais a se casar ou lobolar, por conta dessa situação de ser Mukuaxi e por mais que as vezes a condição individual não permitam que ele faça isso principalmente quando passa dos 25 anos. E simplesmente uma questão de cada cultura tendo em mente que o nosso país nos temos variedades de culturas” (Eusébio, 34 anos).

[...] *“Que cumpram com as condições impostas pela sociedade, que são normas e regras sociais para atingir o auge de um homem formalizado conjugalmente na nossa sociedade moçambicana especificamente Maputo ou em todas regiões da cultura negra”* (Bento, 29 anos).

Tratando-se de uma questão de natureza sócio-cultural que constrange os indivíduos, daí que alguns grupos sociais cumprem o lobolo até após à morte da esposa (namorada) que é uma forma extrema de ultrapassar esta situação. (Só de imaginar o grau de importância desta prática para alguns grupos.

“Eu acho que para dissolver essa figura, requer um grande trabalho que culmine na mudança de mentalidade, a ponto de perceber que todo mundo merece respeito, independentemente de ter lobolado ou não, porque há muitos que lobolam e vivem mal e muitos que não o fazem e vivem bem e felizes e outros morrem sem o fazer” (Eugénio, 26 anos).

As representações colectivas dentro da família, que se tornavam acessíveis por meio do posicionamento dos homens atribuídos a figura de Mukuaxi e a visão do mundo das mulheres que ainda não foram loboladas, reflectem um ambiente de vigilância em que os entrevistados se viam com dificuldades de perseguirem e conseguirem satisfazer os seus interesses. Diante da impossibilidade que tinham de transformar essa realidade, restava-lhes apenas encontrar espaços para agirem num sentido diferente tradicionalmente aceite com risco de ver sacrificados os seus interesses individuais em detrimento dos valores colectivos que outrora são evidenciados pela perspectiva teórica que nos é proposta por Moscovicci (1961) o que permitiu uma análise cuidadosa face as perguntas de pesquisa preconizadas nesta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente monografia, abordámos aspectos sobre as dinâmicas das representações sociais da figura de *Mukuaxi* no contexto da não prática do lobolo na Província de Maputo, concretamente no distrito de Marracuene. O nosso objectivo foi de tentar compreender as dinâmicas das representações sociais da figura de *Mukuaxi* no contexto da não prática de lobolo. Para chegarmos ao nosso objectivo, usamos instrumentos metodológicos que nos permitissem colher os dados e obtermos resultados válidos cientificamente, como a revisão da literatura, e as técnicas de recolha de dados que foram neste trabalho, apresentadas, discutidas e aplicadas.

Com a problemática levantada, pudemos construir o argumento que da conta de que a atribuição da figura de *Mukuaxi* é condicionada pela não prática de lobolo por parte dos homens porque não reúnem recursos financeiros, por factores religiosos associados ao imaginário cristão em que não se proíbe a prática de lobolo, mas sim alguns rituais submersos nela, como por exemplo a invocação dos espíritos dos antepassados por intermédio do ritual “*Ku-phalha*”. Contudo, nos dias actuais, invoca-se *Deus*, facto que conduz esta prática de lobolo a modernização e requalificação.

Constatamos também, a falta de preparação associada a confiança da mulher no qual o homem pretende lobolar. Portanto, a não prática de lobolo conjuga uma multiplicidade de factores na qual explicamos na discussão e análise de dados com recurso a materiais produzidas pela sociologia e os princípios que regem esta instituição social.

Estes princípios no contexto da não prática do lobolo constituem o “*modus vivendi*” de certos grupos sociais, e que já estão enraizados através dos seus hábitos culturais e costumes. Fazem parte da tradição e funcionam provavelmente não como sempre é difundido, que servem para humilhar e expropriar bens materiais e financeiros assim como chantagem, entre outros, mas, como uma forma de inculcar certos valores sócio-culturais, tais como a bênção, o respeito, consideração, gratidão etc. Como pressupostos para uma relação harmoniosa e agradável.

Contudo, o lobolo na actualidade já perdeu todos estes preceitos, em função da banalização globalizada e até oportunismo de algumas pessoas. Neste contexto é importante fazermos uma reflexão em torno do modelo de família que a sociedade pretende adoptar.

Os resultados mostram que há um pré-conhecimento da importância desta prática sociocultural, assumindo a categorização de *Mukuaxi*, visto que, produz-se dentro do nosso próprio contexto sociocultural. Mas alguns participantes acreditam na ideia de que a não prática de lobolo não está alheia a falta de condições financeiras e nem do pré-conhecimento do mesmo como parte do nosso universo cultural. Alguns apontam sobretudo na falta de preparação por parte dos homens associados ao poder de decisão, facto que, a não prática do lobolo pode sujeitar a atribuição de categorias sociais com enfoque ao *Mukuaxi* tomando em consideração a perspectiva teórica de Moscovici (1961) que defende o carácter colectivo das práticas sociais.

Esse carácter colectivo de Moscovici, permitiu perceber que a não prática do lobolo esta directamente influenciada pela falta de condições financeiras, materiais, possessão pelos espíritos associados a falta de sorte no casamento no posicionamento das mulheres face a esta realidade social, e para tal entendimento socorremo-nos no trabalho da Alcinda Honwana (2002). Dum outro lado, a não prática do lobolo segundo os depoimentos dos participantes, resulta na ocorrência de infortúnios (comprometimento do futuro das crianças, doenças, desarmonia e outros males sociais) e a dissolução da figura de *Mukuaxi* como categoria socialmente atribuída prende-se na assunção de que o lobolo deve ser feito e valorizado enquanto uma instituição socialmente formada à partir de lógicas culturais diferenciadas para o seu empreendimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bagnol, Brigitte. 2008. “*Lovolo e espíritos no Sul de Moçambique*”, *Análise Social*, Lisboa, vol. XLIII (2º), p.270. 24 GRANJO, op.cit., p.3.

Birou, Alain. 1982. *Dicionário de Ciências Sociais*: Lisboa: Publicações Don Quixote.

Câmara et al. 2010. “*Percepção do Processo Saúde e Doença: Significados e Valores da Educação em Saúde*”. Brasil:Belo Horizonte-MG.

Cipire, Felizardo. 1996. *A Educação Tradicional em Moçambique*. 2^a ed., Maputo, Publicações Emedil.

Da Silva et al. 2009. *Método Etnográfico*.

De Almeida & Silvino. 2010. “*Abordagem Qualitativa e suas Possibilidades de Aplicação em Pesquisas na Linguística Aplicada*”. Brasil: Belo Horizonte.

Fernandes, Rhuann. 2018. *Lobolo: celebração litúrgica e tradicional no Sul de Moçambique*. Ensaio etnográfico.

Furaquim, Fabiane Mariane. 2016. *A permanência do Lobolo e a organização social no sul de Moçambique*. Revista cantareira. Edição 25 / jul-dez, 2016.

Giddens, A. 2006. *O mundo na era da globalização*. Lisboa: Editorial Presença.

Gomes, E & Pontes, M. 2002. “*As Representações Sociais e a Experiência da Doença*”. *Cadernos de Saúde Pública* 18 (5): Pp 1207-1214.

Granjo, P. 2006. *Wining back our good luck: bridewealth in nowadays Maputo*, in *Ufahamu*, 32 (3), pp. 123-162.

_____2006. *Lobolo em Maputo. Um velho idioma para novas convivências conjugais: Significado social e antropológico do lobolo*.

Honwana, Alcinda Manuel. 2002. *Espíritos vivos, tradições modernas: possessão de espíritos e reintegração social pós-guerra no sul de Moçambique*. Maputo: Promédia.

Junod, Henry. Alexander. 1974. *Usos e Costumes dos Bantus, Maputo*. Imprensa Nacional de Moçambique, Vol.1.

- Junod, Henry. 1996. *Usos e Costumes dos Bantu*. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique, Maputo.
- Lakatos, Marconi. 2001. *Metodologia do trabalho científico*. Atlas Editor es, 6ªed. São Paulo.
- Lima, A. M. et al. 1991. *Introdução à Antropologia Cultural*. Lisboa, Presença.
- MAE .2005. *Perfil do distrito de Marracuene, Província de Maputo*. Edição 2005.
- Malinowski, Bronislaw. 1975. *Uma teoria científica da cultura*. Rio de Janeiro, Zahar.
- Moscovici, Serge. 1961. *Teoria das Representações Sociais*. 2ª Edição. Lisboa.
- Mussane, G. A. 2009. *A kuna n'kinga: o lobolo como foco das representações locais de mudança social*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Ngovene, Samuel Francisco. 2011. *O Lobolo do Cadáver: Uma Apreciação Sobre a Evolução e Sua Legitimação Social na Cidade de Xai-Xai (2009-2011)*. Tese de Licenciatura em Sociologia. Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Maputo, Universidade Eduardo Mondlane.
- Nhavotso, Maria Lucas. 2013. *Turismo e Desenvolvimento Local no Distrito de Marracuene*. Dissertação de Mestrado. UEM.
- Pinho, Osmundo. 2011. *A Antropologia na África e o lobolo no sul de Moçambique*. Afro-ásia, núm. 43, pp. 9-41 Universidade Federal da Bahia, Brasil
- Quivy, R & Campenhoudt, L. 1992. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: GRADIVA.
- Richardson, R.J. 2008. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. Atlas editores, sm/ed. São Paulo.
- Rosenthal, Paul-André. 1998. “Construir o ‘macro’ pelo ‘micro’: Fredrik Barth e a ‘microstoria’” In: REVEL, J. *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, p.156.
- Santana, J. S. 2009. *Mulheres de Moçambique na revista tempo. O debate sobre o lobolo (casamento)*. Revista de História.

Silva & Egler. 2006. “*A Natureza da Representação Social em Espaços Urbanos Preservados*”. Rio de Janeiro: Belo Horizonte.

Taibo, Ruben Miguel Mário. 2012. *Lobolo (s) no Moçambique contemporâneo: mudança social, espíritos e experiências de união conjugal na cidade de Maputo*. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social): UFPR.

Tamanini, P. A. (Fev. de 2010). *Rito de instituição e práticas religiosas em uma celebração ortodoxa ucraniana*. Revista Brasileira de História das Religiões, pp. 105-118.

Tembe, Maria Atália. 1993. *A Legitimidade do Lobolo nos Últimos 30 anos em Moçambique: O Caso da cidade de Xai-Xai*. Tese de licenciatura em Antropologia. Faculdade de Ciências Sociais, Maputo, Universidade Eduardo Mondlane.

Touraine, A. 1994. *Crítica da modernidade*. Petrópolis: Vozes.

Welch, H. B. G. (1982), *O Lobolo: por Uma Estratégia Adequada*, tese de licenciatura, Faculdade de Direito, Maputo, Universidade Eduardo Mondlane.

ANEXOS

GUIÃO DE ENTREVISTA

Secção I: Dados sócio-demográficos

Nome

Idade

Sexo

Nível de escolaridade

Estado Civil

Ocupação

Residência

Secção II: Factores que conduzem a atribuição da figura de Mukwaxi no contexto da não prática do lobolo;

1. O que entende por Mukwaxi?
2. Quais os factores que levam a atribuição dessa figura de Mukwaxi?
3. Alguma vez já foste atribuído essa figura, ou conhece alguém que o foi?
4. Como te sentiste? Ou a tal pessoa se sentiu?
5. Qual foi a tua reacção?
6. Será que a religião tem alguma interferência no lobolo?

Secção III: Consequências que podem advir a partir desta atribuição da figura de Mukwaxi no contexto da não prática do lobolo

1. O que resultou desta atribuição?

2. O que acontece quando o homem vive nesta condição de Mukwaxi?
3. Qual é o impacto desta atribuição de Mukwaxi a nível da família?
4. Será que esta atribuição de Mukwaxi tem alguma influencia a nível da relação conjugal?
5. Que lições podem ser tomadas em função desta categorização de Mukwaxi?

Secção IV: Formas de dissolução da figura de Mukwaxi no contexto da não prática do lobolo;

1. Como pode ser dissolvida esta figura de Mukwaxi?
2. Alguma vez vivenciaram situação similar na sua família?
3. Qual foi a vossa reacção?
4. O que tem a dizer aos homens que vivem nesta condição?
5. Uma vez dissolvida esta figura de Mukwaxi, na tua óptica qual é a importância da prática do lobolo e que desafios se colocam na actualidade?